

SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO . INTERNO

LABORATÓRIO URBANO
2019

**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO/INTERNO
DO LABORATÓRIO URBANO**

18, 19 e 20 de março de 2019
Faculdade de Arquitetura da UFBA
Salvador . Bahia . Brasil

ORGANIZAÇÃO

Igor Queiroz
Janaina Bechler
Luciana Andrade
Rafaela Izeli

PROJETO GRÁFICO

Igor Queiroz
Rafaela Izeli



laboratório urbano

**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO . INTERNO**

**LABORATÓRIO URBANO
2019**

LABORATÓRIO URBANO . PPGAU . FAUFBA

COORDENAÇÃO GERAL

Paola Berenstein Jacques (PPG-AU/FAUFBA)

PROFESSORES

Fabiana Dutra Britto . PPGDança/UFBA

Francisco de Assis Costa . PPG-AU/FAUFBA

Luis Antonio de Souza . PPG-AU/FAUFBA . Urbanismo/UNEB

Margareth da Silva Pereira . PROURB/UFRJ

Paola Berenstein Jacques . PPG-AU/FAUFBA

Pasqualino Romano Magnavita . PPG-AU/FAUFBA

Washington Luís Lima Drummond . História/UNEB

Pós-DOUTORADO

Janaina Bechler

Luciana da Silva Andrade

DOUTORADO

Agnes Cajaíba Viana

Ana Luiza Silva Freire

Camila Benezath Rodrigues Ferraz

Cícero Menezes da Silva

Clara Passaro Gonçalves Martins

Dilton Lopes de Almeida Júnior

Gaio Matos

Helena Tuler Creston

Igor Gonçalves Queiroz

Janaina Chavier Silva

João Soares Pena

Marcos Vinícius Bohmer Britto

Ramon Martins da Silva

MESTRADO

Daniel Sabóia Almeida Barreto

Rafael Luis Simões Souza e Silva

Rafaela Lino Izeli

Viviane Carvalho do Bú

Ygor de Andrade Araujo

GRADUAÇÃO

Adele Sá Martins Belitardo . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico

Alyssa Volpini . Colaboradora

Edvaldo Conceição de Santana . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico

João Caribé . IC Arquivo Laboratório Urbano

Mariana Ribeiro Pardo . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico

Samira Pezzorgnia Nader . IC Cronologia do Pensamento Urbanístico

Vinicius Rafael Viana Santos . Cronologia do Pensamento Urbanístico / UNEB

Igor Monte da Silva . Cronologia do Pensamento Urbanístico / UNEB

COLABORAÇÃO

Eloisa Marçola Pereira de Freitas . Arquivo Laboratório Urbano

SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO/INTERNO

APRESENTAÇÃO

Ver, ser e viver “fora da caixinha” impregna de vida - e amor - as cidades, revelando potência para o enfrentamento das adversidades, em especial aquelas decorrentes das transformações ultraconservadoras que têm marcado a geopolítica mundial na segunda década do século 21. Os diversos temas reunidos nas pesquisas em desenvolvimento no Laboratório Urbano se articulam justamente pelo fio do estranhamento daquilo que é normatizado e naturalizado nas práticas hegemônicas de fazer cidade e ser sociedade.

A 6ª Edição do encontro interno do Laboratório Urbano, neste ano denominado Seminário de Articulação Intensivo/Interno, foi organizada segundo a constatação de que a rotina de debates do grupo envolve duas naturezas: a extensiva, que ocorre semanalmente ao longo do ano, e a intensiva, que concentra o debate das pesquisas durante alguns dias de uma mesma semana. Desse modo, esta versão intensiva do seminário será focada no debate das investigações individuais, uma vez que as discussões das coletivas - que atravessam os diálogos em torno das individuais -, se darão ao longo de 2019.

O Seminário de Articulação Intensivo/Interno ocorrerá nos dias 18 - 2ª feira -, 19 - 3ª feira - e 20 - 4ª feira - de março de manhã e, também, na 4ª feira, de tarde. Nas manhãs, serão realizadas três sessões (seis sub-sessões) de exposições e debates do andamento das pesquisas dos integrantes do grupo, agrupadas a partir de articulações não necessariamente óbvias entre suas questões. Cada sub-sessão será retomada na sessão da quarta-feira à tarde, quando as discussões serão relatadas e debatidas por todos os integrantes do grupo.

Para finalizar esta apresentação, vale uma ressalva quanto à ausência formal de uma das pesquisas individuais na programação deste Seminário Intenso: a recém finalizada “Montagem de uma outra Herança”, tese de progressão para a categoria de Professor Titular da coordenadora do grupo, prof. Paola

Jacques, foi defendida no dia 22 de fevereiro e voltou a ser discutida na reunião do grupo no dia 26 de fevereiro. Desta maneira, sem que tenha havido um planejamento neste sentido, a defesa se constituiu numa espécie conferência de abertura da versão 2019 do seminário interno - extensivo e intensivo - do Laboratório Urbano.

LABORATÓRIO URBANO

O Laboratório Urbano é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002. O grupo integra as linhas de pesquisa “Processos Urbanos Contemporâneos” e “História da Cidade e do Urbanismo” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), tendo como foco de pesquisa e estudos o Urbanismo Contemporâneo. No sentido de melhor compreender a complexidade da cidade contemporânea, o Laboratório Urbano investiga e propõe experiências metodológicas e propositivas a partir de três linhas de pesquisa articuladas entre si: *Apreensão crítica da cidade contemporânea*; *Estética, corpo e cidade*; e *Historiografia e pensamento urbanístico*.

LINHAS DE PESQUISA

APREENSÃO CRÍTICA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Reúne estudos críticos à espetacularização urbana contemporânea que desviam pelas micro-resistências urbanas e outros modos não-planejados de apropriação do espaço urbano. Questiona-se o papel do arquiteto-urbanista assim como do campo disciplinar do urbanismo enquanto um saber/poder consensual. Várias categorias são assim tensionadas: formal/informal, planejado/não-planejado, projeto/cartografia etc, buscando-se uma abertura do campo do urbanismo através de outras possibilidades de compreensão e ação urbana como: o jogo, o profano, o opaco, o comum, o cotidiano, o micro, o processual, o movimento, o momentâneo, o errante etc. Seu objetivo geral é buscar outras formas de apreensão dos espaços urbanos/públicos contemporâneos.

ESTÉTICA, CORPO E CIDADE

Dirigida ao estudo das co-implicações entre corpo, cidade e estética. Pretende-se buscar a dimensão estética como forma de apreender e pensar a cidade. Estuda-se também as ações e experiências corporais e cotidianas no espaço público, em particular na rua, entendida como território instável. Os trabalhos artísticos são pensados como outra possibilidade de compreensão crítica dos conflitos e dissensos urbanos tendo por foco prioritário a escala do corpo em sua singularidade. Uma análise das práticas e ações cotidianas é feita na tentativa de se relacionar a construção de territórios urbanos e a construção de subjetividades. Seu objetivo geral é de, através das questões estéticas e/ou do corpo, problematizar as questões urbanas.

HISTORIOGRAFIA E PENSAMENTO URBANÍSTICO

Dedicada à pesquisa historiográfica, busca mapear as redes complexas que construíram e ainda constroem o pensamento urbanístico. Exercita-se uma teoria da história que, apesar de construir uma cronologia, suspeita da visão linear, contínua, evolucionista, icônica e fechada. A construção da *Cronologia do Pensamento Urbanístico* busca ser crítica e complexa, evitando-se um discurso pacificador dos processos históricos. Questiona-se a pertinência e/ou adequação do uso de noções como transferência, modelo e/ou influência e busca-se cartografar as resistências ao pensamento urbanístico hegemônico. Seu objetivo geral é contribuir para uma melhor compreensão da circulação das idéias urbanísticas.

PROGRAMAÇÃO

SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO INTENSIVO/INTERNO DO LABORATÓRIO URBANO

18, 19 e 20 de março de 2019
Faculdade de Arquitetura da UFBA
Local: Auditório Mastaba

8:30h . Abertura
9h . Bloco I
9:45h . Debate Bloco I
10:45h . Bloco II
11:30h . Debate Bloco II
13h . Encerramento

18.03.2019 . MANHÃ

9h . Bloco I
9:45h . Debate Bloco I
10:45h . bloco II
11:45h . Debate Bloco II
13h . Encerramento

19.03.2019 . MANHÃ

9h . Bloco I
9:45h . Debate Bloco I
10:45h . bloco II
11:45h . Debate Bloco II
13h . Encerramento

20.03.2019 . MANHÃ

14:30h . Relatoria
15:30h . Debate Final
17:30h . Encerramento

20.03.2019 . TARDE

18.03.2019 (MANHÃ)

Mediadora: Rafaela Izeli

8:30H . ABERTURA

Rafaela Izeli . Igor Queiroz

9H . APRESENTAÇÕES . BLOCO I

Relator: Dilton Lopes

Narrar a cidade através dos quadrinhos: possibilidades outras de narração, apreensão e experiência por meio da linguagem polifônica dos quadrinhos e de sua fabulação/ficção do urbano

Rafael Luis Simões Souza e Silva | p. 61

A relação indivíduo-cidade na produção narrativa de João Gilberto Noll, *Hotel Atlântico*, e de Maria Valéria Rezende, *Quarenta Dias*

Viviane Carvalho do Bú | p. 69

Imaginação e recreação infantil: Relações entre ideário político, política e prática urbanística no Brasil entre 1930-1960

Igor Gonçalves Queiroz | p. 95

9:45H . DEBATE . BLOCO I

10:45 . APRESENTAÇÕES . BLOCO II

Relator: Igor Queiroz

Pensar a Cidade por Atlas

Daniel Sabóia Almeida Barreto | p. 40

18.03.2019 . MANHÃ

A Taba Contemporânea de Brasília: sobrevivências, primitivismos e colonialidades

Dilton Lopes de Almeida Júnior | p. 91

[Sem título]

Janaina Bechler | p. 47

11:30 - 13H . DEBATE . BLOCO II

TERÇA-FEIRA . 19.03.2019 . MANHÃ

19.03.2019 . TERÇA-FEIRA (MANHÃ)

Mediador: Igor Queiroz

9H . APRESENTAÇÕES . BLOCO I

Relator: Ramon Martins

Ruínas do futuro: diálogos cruzados entre imagem e arquitetura no século XXI

Ana Luiza Silva Freire | p. 28

Patrimoniologia: lusco fusco entre hegemonia e emergências

Helena Tuler Creston | p. 45

Espaço e dobra: a contenção como experiência evocativa no rio São Francisco

Gaio Matos | p. 77

9:45H . DEBATE . BLOCO I

10:45 . APRESENTAÇÕES . BLOCO II

Relatora: Agnes Cajaíba

A Bauhaus e a cidade moderna: por uma genealogia do corpo útil

Ramon Martins da Silva | p. 79

A moradia popular e a metrópole no contexto atual: perspectivas para a construção de uma escola de [trans]formação urbana

Luciana da Silva Andrade | p. 57

Estudo dos Processos de Canonização de Modelos cidentais de Corpo e suas vozes dissonantes, coexistentes, anacrônicas, paradoxais

Clara Passaro Gonçalves Martins | p. 87

A boa forma da não cidade Latino-Americana: repensando a forma urbana através de uma perspectiva decolonial

Marcos Vinícius Bohmer Brito | p. 99

11:45 - 13H . DEBATE . BLOCO II

20.03.2019 . QUARTA-FEIRA (MANHÃ)

Mediadora: Janaina Bechler

9H . APRESENTAÇÕES . BLOCO I

Relator: Ana Luiza Freire

[Sem título]

Janaina Chavier Silva | p. 50

Infantilização e devir-criança na cidade: narrativas do Centro de Vitória, Espírito Santo

Camila Benezath Rodrigues Ferraz | p. 34

Ocupar a rua! Uma aproximação à Avenida Paulista

Rafaela Lino Izeli | p. 65

9:45H . DEBATE . BLOCO I

10:45 . APRESENTAÇÕES . BLOCO II

Relatora: Rafaela Izeli

Salvador: óbvio e obtuso. A construção da cidade no campo da experiência, narração e memória

Agnes Cajaíba Viana | p. 25

A arte urbana (Píxo e Grafite) como atravessamentos nos processos de “requalificação” e “ressignificação” dos espaços públicos democráticos: Nova orla do Rio Vermelho 2016

Ygor de Andrade Araujo | p. 72

20.03.2019 . MANHÃ

Fazendo Ponto: corpo, cidade e práticas sexuais

João Soares Pena | p. 53

O impacificável nas cidades

Cícero Menezes da Silva | p. 37

11:45 - 13H . DEBATE . BLOCO II

20.03.2019 . TARDE

20.03.2019 . QUARTA-FEIRA (TARDE)

14:30H . RELATORIA

Dilton Lopes . Igor Queiroz (18.03.2019)

Ana Luiza Freire . Rafaela Izeli (19.03.2019)

Ramon Martins . Agnes Cajaíba (20.03.2019)

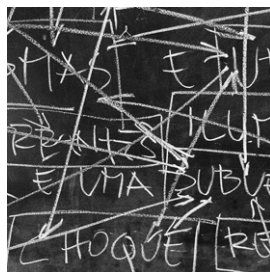
15:30H - 17:30H . DEBATE FINAL

Mediadora: Luciana Andrade

PESQUISAS COLETIVAS

CRONOLOGIADO PENSAMENTO URBANÍSTICO

Coordenadora: Paola Berenstein Jacques



O projeto de pesquisa *Cronologia do Pensamento Urbanístico* é realizado desde 2003 pela colaboração entre o Laboratório de Estudos Urbanos (PROURB/FAU-UFRJ) e o Laboratório Urbano (PPG-AU/FAUFBA), agregando posteriormente a contribuição de outros grupos e universidades: Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (IFCH-Unicamp), Cosmópolis (UFMG), Labeurbe (PPG/FAU-UNB) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa é centrada na historiografia do pensamento urbanístico com foco na circulação de ideias, e tem por objetivo principal subsidiar uma história intelectual do urbanismo, de modo a trazer novas perspectivas de análise e novos recortes no movimento de revisão historiográfica em torno desse campo disciplinar. Sua ambição mais relevante não é desenvolver simplesmente uma linha do tempo propriamente dita mas, graças também à linha do tempo, chamar a atenção para a circulação sistêmica e, muitas vezes, sincrônica ou anacrônica, de dados entre determinados círculos urbanísticos, formando vastas redes de intercâmbio (e também de disputa ou conflito) intelectual, acadêmico, científico e artístico que atuam de maneira complexa.

O site da *Cronologia do Pensamento Urbanístico* é uma ferramenta que permite cartografar e historiografar essas redes complexas que construíram e constroem o pensamento urbanístico. Atualmente estamos buscando situar melhor, de forma coletiva, nosso esforço dos últimos anos, tanto dentro da

historiografia do urbanismo no país, quanto nos debates mais recentes do campo da história, em particular da teoria e metodologia da história, ampliando assim a discussão para outros pesquisadores que trabalham com história urbana, das cidades e do urbanismo. Faz parte deste esforço o livro “Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Modos de Pensar”, lançado em março de 2018, no qual exploramos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Já segundo tomo deste livro, “Modos de fazer”, que será lançado neste primeiro semestre de 2019, buscou reunir as contribuições particulares das diferentes equipes ao usar a *Cronologia do Pensamento Urbanístico* como ferramenta.

ARQUIVO LABORATÓRIO URBANO

Coordenadora: Janaina Bechler



A pesquisa *Arquivo Laboratório Urbano* – iniciada em julho de 2017 e coordenada por Janaina Bechler (pós-doutorado PPGAU/FAUFBA), com a participação de um bolsista da graduação, João Caribé (PIBIC/CNPq), e de uma estudante colaboradora, Eloisa Marçola – focamos na ideia de “Experiência Urbana” e na produção de “Narrativas Urbanas”, para explorarmos a construção de conhecimento no campo do Urbanismo que deste grupo de pesquisa deriva. Buscamos os aparecimentos destas ideias nas publicações e trabalhos defendidos pelos membros deste Laboratório, suas vizinhanças, conversas, referências, tensionamentos e recortamos fragmentos dos diversos textos, descontextualizando-os, para fazer e ver surgir novas relações pelas conexões criadas na pesquisa entre as diferentes partes.

Fragmentação e montagem são a metodologia da pesquisa *Arquivo Laboratório Urbano* por acreditar que essa maneira de relacionar os elementos presentes no arquivo desse grupo de pesquisa pode gerar novas construções do pensamento a problematizar o campo do urbanismo e da história das cidades, tensionando formas de narração sobre a cidade. Como procedimento, aproxima-se da prática do colecionador, ou do catador, tão caras aos teóricos Aby Warburg e o próprio Walter Benjamin. Benjamin tinha um projeto de historiografia calcado no colecionismo, cujo ato descontextualiza os objetos para inseri-los em novas ordens, que serão montadas a cada vez, por cada “tempo presente”; por outro

lado, era inspirado na figura do catador, que se volta para o esquecido, o considerado inútil.¹ Esse material fragmentário coletado devia ser aproximado segundo o princípio da montagem, “montagem literária” conforme ele nomeou: “como o alegorista-colecionador barroco, ele se volta para o pequeno e aparentemente sem importância para construir seu painel móvel do século XIX. Este é o cerne da ética da apresentação haurida por Benjamin.” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 62)

Essa metodologia nos atrai por ser uma maneira de construção experimental do conhecimento que instiga a imaginação e a fabulação de narrativas urbanas outras, quando promove o encontro de distintos fragmentos deixando aparecer o “entre”, o que não está em nenhum dos fragmentos do jogo, mas na relação travada no encontro deles, como pedra fundamental da produção em questão, fugindo, assim, das amarras metodológicas tradicionais do conhecimento científico. Pelo crédito atribuído à heterogeneidade de conexões díspares como *modus operandi* do pensamento, essa pesquisa se aproxima mais da complexidade constituinte da experiência da cidade contemporânea e produz vida e movimento ao arquivo do *Laboratório Urbano*.

NOTAS

1. SELIGMANN-SILVA, M. A atualidade de walter Benjamin e de Theodor W. Adorno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

**APREENSÃO CRÍTICA DA
CIDADE CONTEMPORÂNEA**

Agnes Cajaiba Viana

Doutorado

Orientador: a definir

Ano de ingresso: 2019



SALVADOR: ÓBVIO E OBTUSO

A construção da cidade no campo da experiência, narração e memória

Na história da humanidade, seja na era paleolítica, medieval ou na contemporaneidade, sempre houve o desejo e a necessidade de apreensão do espaço, bem como representação ou narração de conexões da vida cotidiana, trajetos, histórias vividas no espaço. A fotografia, assim como os mapas, foi um meio muito utilizado para desbravar e fazer ver o mundo, porém com o tempo os mapas foram sendo construídos cada vez mais de um ponto de vista distanciado, celestial, enquanto a fotografia foi deixando aos poucos um entendimento moderno de objetividade e representação do real para tratar de visualidades e construções de imagem.

Difícilmente encontramos mapas oficiais que deem conta de hábitos, relações, dimensões culturais ou do cotidiano. São mapas totalizantes que comprimem, sintetizam o que está sempre em processo, o que é múltiplo. Alguns autores, como Michel de Certeau (2014) e Milton Santos (2011) propõem uma alternativa à essa visão oferecida pelos mapas estratégicos. Seria a visão daqueles que estão dentro da cidade e a praticam ordinariamente, “cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; tem dele um conhecimento tão cego quanto no corpo

a corpo amoroso” (CERTEAU, 2014, p. 159). Esse estado vagueante possibilita a construção de mapas a partir da vivência na cidade, provocando encontros, novos sentidos para percursos, outras percepções do entorno e deslocamentos poéticos. Mais que linhas conectando pontos de partida e chegada, seria possível, então, criar dispositivos de interlocução e mediação na vida cotidiana.

O interesse deste projeto passa pelo campo da percepção a partir das considerações de Merleau-Ponty, da proposta de cartografia afetiva de Suely Rolnik, a fim de ver não somente com os olhos, acreditando que assim seja possível evocar as multidimensões da experiência urbana. A conexão entre o corpo da cidade e o corpo do sujeito que ali habita será desenvolvida a partir do autor Michel Certeau através do pensamento do lugar praticado, pelo qual define o ato de caminhar como prática que efetiva, atualiza e subverte o sistema urbano. Deste modo, a cidade é formada pelos percursos que nela se realizam. Há o desejo de trazer uma experiência onde coexistam elementos das artes visuais, da etnografia, da arquitetura em uma aliança rizomática em que estes campos se movimentam entre si. A arte contemporânea traz na sua agenda uma conversa entre múltiplos campos e nos últimos anos diversos artistas têm se apropriado de métodos da etnografia para desenvolver seus trabalhos em processos de “etnografia espontânea” ou “sensibilidade antropológica” (ALMEIDA, 2013). No que diz respeito a fotografia, a autora Sylvia Caiuby (2015) a defende como uma ponte entre conhecimento, informação e arte ao conectar aspectos do visível e do invisível, criando um “terceiro espaço”.

O presente projeto busca, portanto, indagar e investigar a cidade de Salvador, as pessoas que aqui vivem, costurando relações entre sujeito e lugar através da fotografia, das lembranças e dos esquecimentos. A fotografia tem a capacidade de produzir mundos e, portanto, me interessa investigar imagens da história oficial de determinados bairros de Salvador a serem escolhidos durante a investigação, bem como de arquivos pessoais de moradores destes bairros, para então produzir com estes moradores outras imagens nos utilizando da deriva situacionista como metodologia. Desta forma, pretendo entender as mudanças da cidade no tempo e como construímos a cidade ao vivenciá-la. As fotografias e relatos dos moradores organizadas em uma proposta de livro-mapa trarão uma nova possibilidade/ arranjo da memória, criando outras possibilidades de cidade no mesmo desenho

urbanístico. Com isto, pretendo instaurar um campo de experimentação prática e teórica para produzir atravessamentos e costuras entre teoria, metodologia, sujeitos e cidades possíveis. A realização do livro-mapa proposto nesta investigação parte do desejo de criar uma “narrativa errante” (JACQUES, 2012) de experiência de cidade que possa “agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI 1996). Os mapas produzidos por Debord no contexto situacionista, artistas caminhantes como Sophie Calle e Marina Abramovic, as proposições de Yoko Ono e Francis Alys me servem como referência, bem como as ações do coletivo Poro, a produção literária de Calvino, Breton e Perec.

Ana Lutz Silva Fretre

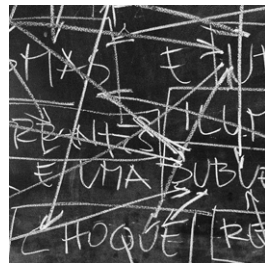
Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



RUÍNAS DO FUTURO

**diálogos cruzados entre imagem
e arquitetura no século XXI**

Este resumo apresenta o projeto de tese submetido e aprovado à seleção do curso de doutorado do PPG-AU UFBA para a turma de 2019, com adição de algumas outras observações decorrentes do processo (em fase inicial, mas também em movimento) de reflexão da autora.

Em outubro de 2018 foi proposto ao PPG-AU desenvolver um trabalho que tinha como objeto de estudo os casos de abandono de mega-projetos na costa do nordeste brasileiro, quer eles não tenham sido construídos completamente ou parcialmente e/ou não tenham sido ocupados, e estejam abandonados, em situação de ruína. Esse objeto, que investiga as ruínas no intervalo temporal referente à virada do século XX até a atualidade, completaria-se ao ser confrontado com as imagens, representações e discursos sobre o desenvolvimento urbano na contemporaneidade. O interesse do trabalho, sobretudo, é discutir a ideia de “ruína” como objeto edílico mas também como conceito, dentro de um campo ampliado de conhecimento.



Figura 1: Resquícios do que viria a ser um condomínio clube no interior da Espanha. In.: *Ruínas Modernas, Una Topografía del lucro*, de Julia Schulz-Dornburg (2012).



Figura 2: Ruínas do Warapuru Resort, em Itacaré (BA). O lançamento do projeto se deu em 2004. Foto de André Moraes (2017).

Espera-se, a partir desse objeto, organizar um inventário imagético sobre o fracasso do urbanismo especulativo e discutir a partir das evidências espaciais e do campo da representação – imagens, planos, discursos - aspectos históricos e culturais urbanos e suas transformações na contemporaneidade. A pesquisa objetiva, em linhas gerais, a) discutir a noção de ruína como expressão de um processo histórico, cultural e político; b) compreender como se estruturam as representações sobre a arquitetura do presente na construção de um projeto de desenvolvimento; c) contrapor casos de projetos arruinados com suas imagens e discursos.

Entretanto, desde outubro começou-se a perceber que, por um lado, o foco do objeto nos mega-projetos do setor imobiliário e turístico necessita ser repensado. Os mega-projetos – no caso, os localizados no Rio Grande do Norte, estado de onde a autora do trabalho vem – foram completamente transformados após a reverberação midiática e especulação inicial. Grande parte dos lotes reservados aos mega-projetos foram parcelados em diminutas áreas onde foram construídas residências de uso pessoal e empreendimentos de pequeno porte, com características de uso restrito, voltados ao turismo internacional, ou simplesmente não houve qualquer construção. Foi noticiado que investidores desses mega-projetos chegaram a ser presos, e, com a Copa de 2014, a discussão sobre a implantação de tais empreendimentos ficou esquecida. Assim, porque as marcas espaciais desses projetos não construídos já correspondem a outros projetos, e porque isso decorreu de uma dinâmica de esquemas ilícitos nacional e internacional, se faz necessário ponderar acerca das possibilidades de investigação necessárias ao cumprimento da pesquisa.

Por outro lado, o escopo acerca do tema “ruínas contemporâneas” alargou-se para além dos casos dos mega-empreendimentos. Na literatura acadêmica, esse tema é debatido atualmente, por exemplo, desde casos de esvaziamento de cidades em que a população está em declínio, ou de cidades industriais abandonadas, até estudos acerca da arquitetura em países antes comunistas. Diferencia-se, ademais, da discussão acerca das ruínas do pós-Guerra, porque essa discussão desenvolve-se a partir de ruínas que foram formadas em um só tempo (o dos bombardeios). Há, portanto, uma revisão bibliográfica em curso, necessária ao objeto de estudo - o qual, no momento atual, parece extravasar para além das ruínas dos mega-projetos do setor imobiliário turístico e apontar para outras diversas formas de



Figura 3: Outdoor anunciando um dos mega-empresendimentos especulados para a costa metropolitana de Natal-RN. Foto de Elisa Elsie, 2010.



Figura 4: Obra de viaduto inacabada na favela de Manguinhos, Rio de Janeiro. Foto: Guido Moreto (2018).



Figura 5: Museu Nacional. Foto de Mauro Pimentel (2018)

arruinamentos que a produção espacial contemporânea origina, principalmente no meio urbano.

O interesse acerca das ruínas parte da alegoria da “história como ruína”, do filósofo alemão Walter Benjamin. Essa alude à busca de seu autor por outro entendimento acerca do processo histórico – busca que caminha lado a lado com o esforço de Benjamin de escrever uma historiografia emancipada de todo caráter científico (ROCHLITZ, 2003, p. 306). A história como ruína, portanto, corresponde a uma noção de que o *continuum* do processo histórico está explodido e deixa ver que, ao invés de um encadeamento de acontecimentos que nos levaria a uma reconciliação social e com a natureza, o passado configura-se como uma catástrofe de entulhos e fragmentos que se acumulam, ruína sobre ruína, aos nossos pés. Trabalhar com as ruínas, nesse sentido, desdobra-se para uma pesquisa sobre os restos, o que sobrou ou foi consumido antes mesmo de ter seu uso e ocupação consolidados. Ademais, esse tema remete à dicotomia da “destruição-criativa” do capitalismo (HARVEY, 2008 e BERMAN, 2014).

Os projetos não concluídos e abandonados, especialmente, oferecem uma base material e simbólica que pode ser usada para refletir sobre: i) o soterramento do valor funcional da arquitetura pelo valor da especulação futura; ii) a volatilidade e instabilidade das formas do capitalismo sujeitas ao capital fictício; iii) a incapacidade do processo de desenvolvimento econômico fixar-se em uma base geográfica determinada; iv) o papel da arquitetura e da sua representação como espetáculo e como imagem bidimensional, criadoras de valores e imaginários, para o fenômeno urbano contemporâneo; v) o tempo e o processo histórico e suas relações com a dimensão factual urbana.

Portanto, a tese a ser desenvolvida baseia-se na confrontação de casos de ruínas contemporâneas com as imagens, discursos e narrativas produzidas de seus projetos e edifícios, bem como com o estudo conceitual do tema na contemporaneidade. A ruína deve ser apresentada e discutida a partir de sua base material, contrapondo a ela os discursos e promessas sobre o urbano, e assim, desmistificando imagens fetichizadas e processos enviesados de transformação espacial, operações políticas e econômicas, e concepções sobre o processo histórico.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito da história. (1940). *Obras escolhidas*, 2012.
- BERMAN, Marshall.(1982). *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- HARVEY, David. (1992) *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2008.
- ROCHLITZ, R.; ASSUMPCÃO, M. E. O. *O desencantamento da arte*: a filosofia de Walter Benjamin. EDUSC, 2003.

Camila Benezath Rodrigues Ferraz

Doutorado

Orientador: Xico Costa

Ano de ingresso: 2015

Pesquisa Coletiva:

Arquivo Laboratório Urbano



INFANTILIZAÇÃO E DE VIR-CRIANÇA NA CIDADE

narrativas do Centro de Vitória, Espírito Santo

Neste trabalho procuramos construir narrativas do Centro de Vitória em ruptura aos estratos dominantes. Tomamos os conceitos de infantilização e devir-criança e os relacionamos a maneiras de viver e pesquisar a cidade. A infantilização é como uma estratégia da máquina de produção da subjetividade capitalística que retira do indivíduo a autonomia para pensar e organizar a vida¹. É uma tentativa de encaixar em estratificações dominantes tudo o que se relaciona ao desejo, à vontade de amar e de criar. O conceito de devir-criança, por sua vez, remete a linhas de fuga, processos de desterritorialização, foco de uma micropolítica que atua pela experiência cotidiana². A ruptura promovida pelo devir-criança conecta-se com a criatividade e as capacidades de percepção e afeto que a criança possui antes de ser tornada infante - *infans*, aquele que não fala – e antes de ser modelizada pelos equipamentos produtivos. Acessar o devir-criança se trata, portanto, de entrar no campo da experimentação, das possibilidades, de subverter a lógica adultocêntrica e abandonar a máscara que impõe limites, domestica e desencoraja. Neste sentido, procuramos assumir no trabalho uma postura metodológica incorporada de devir-criança na maneira de pesquisar, manipular e escrever com os encontros na experiência cotidiana na cidade. Encontros aparentemente aleatórios, mas guiados por afetos sentidos no corpo vibrátil do cartógrafo-pesquisador e pela busca de

outros devires-criança na cidade. Tais encontros se deram tanto na pesquisa de campo como na pesquisa em acervos documentais particulares e institucionais, físicos ou virtuais. Com eles foi criada uma espécie de banco de dados formado por documentos heterogêneos em suas espécies e datações: fotografias, recortes de jornais, correspondências e publicações oficiais, mapas, projetos arquitetônicos, entrevistas e anotações em diários de bordo. Foi a partir de alguns encontros iniciais que estabelecemos o recorte espacial compreendido pela Rua Sete de Setembro e adjacências. Ao mesmo tempo, ficou claro três marcadores temporais: as duas primeiras décadas do século XX, as décadas de 1960 e 1970 e a década de 2010. Os documentos deste nosso banco de dados não foram tomados como um registro final de determinados eventos, mas como fragmentos que possibilitam interferência e construções de narrativas sobre a cidade. Deixamo-nos afetar pelos documentos encontrados e pelas experiências vividas por nós durante a pesquisa e tornamos o banco de dados material com o qual pudéssemos brincar. Desta forma, dispomos os fragmentos em blocos de contos-montagens-discussão, agrupamentos provisórios. Assim, eles se transformam em peças de um jogo, um quebra-cabeça do qual não se conhece a imagem final e que permite múltiplas possibilidades de combinações e recombinações. Estes blocos de contos-montagens-discussão foram criados segundo temáticas nas quais consideramos haver a presença do devir-criança na experiência cotidiana do bairro. Assim, o bloco “Pulando o muro do Zezinho no fundo do quintal da escola” trata do uso das áreas públicas pelas crianças em devires-crianças; o bloco “Eu vou brincar o ano inteiro nesse carnaval” trata do carnaval e outras manifestações, nas quais ações não normalizadas transformam-se na própria normatização; o bloco “De passo leve pra não acordar o dia” tem como temática a disputa do uso da rua, especialmente dos bares e suas mesas nas calçadas durante a noite. Além disso, o bloco “5... 4... 3... 2...1” abre o trabalho indicando os modos de usar a tese; o bloco “Eu quero é botar meu bloco na rua” apresenta as considerações iniciais, discute os conceitos de infantilização e devir-criança e apresenta a postura metodológica adotada no trabalho; e o bloco “Quando acabar o maluco sou eu” traça algumas considerações finais sobre o trabalho. Relevante destacar que os títulos de cada bloco são trechos de músicas de Raul Seixas. A escolha não é aleatória: em 1978, o músico baiano gravou um vídeo na Rua Sete de Setembro em Vitória, nosso recorte espacial, no qual finge ser ele mesmo e pede esmolas. O vídeo nos remeteu a atividade artística de Raul

Seixas a qual entendemos como contrária à infantilização e incorporada de devir-criança, sempre inventando novas formas de não ser classificado e de não sucumbir à subjetividade capitalística. Abrindo cada um dos blocos, apresentamos trechos de um conto no qual Raul-Zito, um agenciamento criança-adulto, procura desvendar o misterioso desaparecimento das pessoas em seu bairro.

Palavras-chave: *Infantilização. Devir-criança. Narrativas. Rua Sete de Setembro.*

NOTAS

1. Encontramos o conceito de infantilização especialmente em GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
2. O conceito de devir-criança é encontrado ao longo do trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Destacamos especialmente GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985 e DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volumes 1 a 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

Cícero Menezes da Silva

Doutorado

Orientador: Pasqualino Romano Magnavita

Coorientador: Washington Luis Lima Drummond

Ano de ingresso: 2017



O IMPACIFICÁVEL NAS CIDADES

Os sem-paz nas cidades, a dissociação violenta que sobressai de suas existências, além de ser a grande ameaça, é o que atenta contra os regimes de pacificação urbana operados sob a pretensa comunitária. A calamidade incessante que os atinge e a acuidade bárbara com a qual enfrentam todas as intempéries mundanas absolutamente fora da vida em comum fazem deles, onde quer que se encontrem, os habitantes de uma extensão estrangeira. “Vive-se numa comunidade, desfruta-se as vantagens de uma comunidade”, escreveu Nietzsche, “vive-se protegido, cuidado, em paz e confiança, sem se preocupar com certos abusos e hostilidades a que está exposto o homem *de fora*, o ‘sem-paz’, [...] desde que precisamente em vista desses abusos e hostilidades o indivíduo se empenhou e se comprometeu com a comunidade.”¹ Essa condição desventurada, que sob a via das proscritções compõem a parte amaldiçoada das cesuras sociais, antes de tudo, foi a condição de vida transvalorizada pelo filósofo alemão em sua *Genealogia da moral*. De uma maneira ou de outra, a comunidade dos homens, se é que ela pode vir à alguns, aos sem-paz ela nunca vêm, senão enquanto uma hostil usurpação que prontamente os conjura. A heterogeneidade abissal de suas práticas é no cotidiano das cidades a condição de aparição do nada em comum e, a um só tempo, a condição de manifestação que quebra a palavra e o contrato com a totalidade ilusória ou com qualquer que seja o esforço de comunhão entre homens.

Malogrando a vida em paz no tocante à homeostase social em torno dos regimes urbanos pacificatórios, tais aparições e manifestações impacificáveis perfazem corpos sempre estranhos, incodificados e enquanto tais, decisivamente irredutíveis. Eles são a outra face, o inverso, o avesso das formas apreensíveis ou codificadas, uma espécie de “povo por vir e que ainda não tem linguagem”, mas para o qual, “escreve-se”,² anunciaria Deleuze. Ora, a intensidade que perfaz esse povo que vem, que não sessa de vir e que por isso mesmo, está sempre chegando, é justamente o que buscamos reverberar na presente pesquisa, contudo, sem por ele pretender falar, pondo em evidência tão somente a radicalização dispersiva que suas singularidades condensam e que indubitavelmente violenta as premissas da realização comunitária nas cidades. Tais formas impacificáveis, aberrações do ponto de vista científico, sempre irão escapar aos meios que, via de regra, tentam confiná-las ou, ao menos, iluminá-las com as luzes austeras do conhecimento. Trata-se, assim, da manifestação do inefável, daquilo que não pode ser dado como assimilável, materialidades absolutamente *informes* que esfacelam na cidade o substancialismo das formas, desdobrando-se ininterruptamente em algo novo, totalmente outro. Narrar ou dizer sobre o impacificável nas cidades seria então praticar uma “ciência do informe”, uma “ciência daquilo que é totalmente outro”, como propôs Bataille, uma heterologia,³ que semanticamente se aproxima de uma escatologia ou até mesmo de uma teratologia, mas transladando de uma etiologia biológica à etiologia social.

Nesses termos, em sua proposição, a heterologia não poderia ser tomada senão como um paradoxismo, pois a ciência, por definição, seria o estudo do homogêneo, daquilo que apresenta certa recorrência, isto é, uma constante recondução ao mesmo. O heterológico especificamente nas cidades, assim, parodia e se exclui do lastro urbanístico ou ao menos de sua concepção científica acerca das cidades, que, enquanto tal, voltar-se-ia tão somente aos fenômenos homogêneos em prol de uma pretensa realização comunitária. Logo, desviar-se do aporte científico ou, quiçá, lançar-se fora dele ao mirar o impacificável nas cidades seria, pois, afiançar a potência incomensurável do próprio conhecer, o qual ultrapassa sem cessar o universo do conhecimento que a ciência edifica, possibilitando a emergência nietzschiana de uma *gaia ciência* sobre as cidades. Trata-se, nestes termos, de colocar a experiência em causa, ainda que através das tramas discursivas tributárias

ao pensamento científico, que mesmo ao confinar os fatos sociais no interior de um universo simbólico, fechado nele mesmo, de forma fugaz e no limite, possibilita a aparição do inapreensível, de constantes movediças no real, ou, caso se queira, do heterogêneo nas cidades. É, então, por meio de uma atuação heterológica e, como tal, provida por uma perspectiva anamórfica ou em contínuo deslocamento que, nesta pesquisa, nos voltaremos às infrações da placidez urbana hegemonicamente gerida, ao impacíficável nas cidades, cujas manifestações perfuram, fraturam, disrompem os sistemas de coação e controle urbano generalizado que não têm cessado de nos impor os seus constrangimentos.

NOTAS

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 60.
2. DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 179.
3. BATAILLE, Georges. La valeur d'usage de D.A.F. de Sade (I). In: _____. *Œuvres complètes* II. Paris: Gallimard, 1970, p. 61. Tradução nossa. No original: "*Science de ce qui est tout autre*".

Daniel Sabóia Almeida Barreto

Mestrado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2018

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



PENSAR A CIDADE POR ATLAS

Neste primeiro ano de pesquisa nosso principal esforço foi o de expandir e aprofundar a compreensão do que constituiria um *pensar por atlas*. Reunimos reflexões teóricas e experiências teórico-práticas, compondo constelações que, em constante reconfiguração, vem mostrando por meio das aproximações entre conceitos, processos e obras de referência, os caminhos por onde a pesquisa deve seguir.

A mitologia grega conta que Atlas foi um titã que, derrotado pelos deuses do Olimpo em uma batalha, é condenado por Zeus a suportar eternamente o eixo da Terra e toda a abóbada celeste sobre suas costas. Exilado no abismo do mundo, contempla as estrelas, o mar e tudo mais que carrega com enorme esforço, tornando-se um grande conhecedor da astronomia, da geografia e da arte de navegar. Transforma, assim, o sofrimento de suportar em potência de conhecimento (HUBERMAN, 2013, p.80), através do contato, da presença e do tempo.

A palavras *atlas*, de origem grega, significa etimologicamente aquele que *porta*, ou *suporta*¹. O termo carrega consigo a monumentalidade do titã grego e também da tarefa que lhe é imposta, como monumentais também são a cordilheira que dá nome (as montanhas Atlas, no norte da África); o oceano que separa o velho e o novo mundo (o Atlântico); um continente perdido sob esse mar, do qual se diz

ter sido o primeiro rei (Atlântida) e as colunas antropomórficas que sustentam os grandes palácios desde a grécia antiga. Não à toa, a partir do final do século XVI, *atlas* vai caracterizar uma prática editorial emergente, que nos séculos seguintes consolida-se como gênero epistêmico e meio fundamental de registro e difusão das novas fronteiras do conhecimento em expansão.

Em 1595, é publicado *Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica Mundi et Fabricati Figura* [Atlas ou Meditações Cosmográficas sobre a Criação do Mundo e a Forma da Criação], organizado pelo holandês Gerardus Mercator. O atlas de Mercator² ambicionava constituir uma *Cosmografia* que desse conta de toda a criação do mundo, da descrição dos objetos celestiais, da terra, dos mares, da genealogia e da história das nações. A partir de então, *atlas* torna-se sinônimo de todo tipo de publicação e, mais do que isso, de “uma forma de saber destinada a recolher, em imagens, a dispersão - mas também a secreta coerência - da totalidade do nosso mundo” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 86).

Ao longo dos séculos seguintes, e particularmente a partir do século XVIII com a eclosão do espírito enciclopedista do iluminismo, proliferam compilações de caráter supostamente utilitarista, reunindo conhecimentos de ciências tão diversas quanto a anatomia, a astronomia, as ciências naturais, a arqueologia, a geografia, a antropologia e a psicologia. No entanto, como observa Didi-Huberman, sob esse aparente utilitarismo inofensivo, todo atlas carrega consigo uma potência explosiva. O conhecimento reunido de forma visual nas pranchas que os compõem convida o leitor a uma deambulação errática que subverte a ordem das páginas, percorrendo-as pelo prazer de deixar divagar a nossa vontade de saber. As imagens, ao invés de limitarem-se a um papel meramente ilustrativo de uma inteligibilidade purificada a priori, introduzem uma dimensão sensível e uma impureza fundamental, que desmonta - e assim convoca a remontar - todo o pensamento ali reunido (HUBERMAN, 2013, pp.11-12).

Montar, desmontar e remontar constituem o princípio central do *Bilderatlas Mnemosyne*, concebido pelo historiador da arte alemão Aby Warburg em 1905 e realizado (ou montado) entre 1924 e 1929, ano de sua morte. Warburg retoma a tradição do atlas buscando explodir os limites de uma disciplina calcada exclusivamente em abordagens formalistas e estetizantes, apontando para uma

muito mais ampla “psicologia histórica da expressão humana”³ ou para uma “ciência da cultura” (*Kulturwissenschaftliche*)⁴. Mais do que a obra de arte em si, interessava a Warburg a potência da imagem em guardar e evocar o que ele chamava de *sobrevivências* (*Nachleben*), presenças do passado que emergem no presente, como acontece nos sonhos e na memória. Através da aproximação entre imagens distintas, o foco se volta mais para o intervalo entre elas do que para cada imagem em particular. Esta “iconologia do intervalo”, como o próprio Warburg definiu, buscava, no choque causado pela aproximação de imagens extraídas de contextos e tempos distintos, a emergência de nexos inesperados. Um conhecimento que se constrói com as mãos, no exercício constante de montar e remontar imagens.

Caixas, mesas, quadros

No início do percurso dessa pesquisa, buscávamos através do atlas cruzar dois campos de interesse: o design editorial e o urbanismo. O movimento das constelações, no entanto, foi mostrando um caminho diferente, um desvio, que não resistimos em seguir. A ideia de atlas que foi se configurando parecia não caber no formato-livro, por mais por mais desconstruído, expandido ou reconfigurado que fosse. Presente também desde o princípio, a ideia de pensar o atlas como um meio disparador e como suporte para processos de construção coletiva de conhecimento sobre a cidade foi assumindo protagonismo, reforçando o caráter metodológico da pesquisa.

O aspecto editorial, com isso, assume uma posição secundária, complementar a outras possibilidades de expressão situadas no âmbito do compartilhamento das ideias levantadas através do atlas. O contato com algumas experiências relacionadas ao saber-fazer por atlas apontou para diferentes possibilidades metodológicas e expressivas, que pretendemos cruzar na construção da pesquisa: as *Civic Exhibitions* e a *Encyclopaedia Civica* propostas por Patrick Geddes; o projeto *Atlas# Verona*, coordenado por Alessia de Biase; as *Fluxus Year Boxes*, de George Maciunas, a *Boîte-en-Valise* de Marcel Duchamp e o livro/exposição *Ressaca Tropical* de Jonathas de Andrade, entre outras.

O atlas, assim, vai assumindo uma configuração híbrida, no cruzamento entre as

ideias de *caixa, mesa e quadro*, no sentido de um objeto que deve dar suporte às ações de arquivar, montar e expor/transmitir/comunicar. Constituir um arquivo, para dele selecionar os fragmentos a serem montados na mesa, de onde emergiriam sínteses parciais - tanto no sentido da parcialidade inerente à posição de cada montador, como no de serem partes, nunca definitivas nem conclusivas - e ao mesmo tempo novos fragmentos a serem desmontados e remontados por outros leitores-montadores. Um objeto inesgotável, instável, sempre aberto e em movimento, que extrapola sua condição física e passa a existir enquanto ação coletiva, reunindo diferentes estudantes, especialistas, artistas e atores sociais em torno da construção de um saber heterogêneo sobre determinada situação urbana.

NOTAS

1. “A palavra *atlas*, em grego, é formada pela combinação do *a* prostético (ou seja, da adjunção, no início de uma palavra, de um elemento não etimológico que não modifica o sentido da própria palavra) e de uma forma do verbo *tlaô*, que significa “portar”, “suportar”. *Tlas* ou *atlas* é, portanto, no sentido literal, o *portante*, o *portador* por excelência” (HUBERMAN, 2011, p.76)
2. O *Theatrum Orbis Terrarum* (1570), do também holandês Abraham Ortelius, é considerado o primeiro atlas moderno, apesar de não ter a denominação no seu título. O próprio Mercator havia publicado outros atlas anteriormente, a partir de 1585, no que pretendia ser uma série cosmográfica sobre o céu e a terra. O último desses volumes foi batizado de Atlas, e foi publicado apenas após a sua morte.
3. Como descrito pelo próprio Warburg, citado em AGAMBEN, 1984, p.115
4. A biblioteca de Warburg em Hamburgo é batizada pelo nome de Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg (KBW – Biblioteca para a ciência da cultura).

REFERÊNCIAS

DE BIASE, A. ZANINI, P. (dir.). *Atlas#1 Veronetta*. Explorazioni temporali di un quartiere. Verona: LAA Recherches, 2018

DIDI-HUBERMAN, G. *Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta*. Tradução Renata Correia Botelho e Ruy Pires Cabral. Lisboa: KKYM, 2013.

DA COSTA, F.A. Imagem e experiência de apreensão da cidade. In: _____. *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2015, v. III, p. 52-82.

JACQUES, Paola B. Montagem urbana: uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. In: _____. *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea*. Tomo IV – Memória, narração, história. Salvador, EDUFBA, 2015, p. 66-75.

_____. *Montagem de uma outra herança*: urbanismo, memória e alteridade . Tese acadêmica em substituição ao memorial para promoção ao cargo de Professor Titular. Salvador, 2018

WILLIARD, Lisa Jayne. *What is an Atlas?* An Historical Overview and Comparison of Use Between the Netherlands and the United States, and a Recontextualization for 21st Century Design. Thesis (Master of Fine Arts with a Major in Communication Design) - Texas State University, 2017.

Helena Tuler Creston

Doutorado

Orientador: *Pasqualino Romano Magnavita*

Ano de ingresso: 2016



PATRIMONIOLOGIA

lusco fusco entre hegemonia e emergências

Esta pesquisa pretende propor desterritorializações no campo do patrimônio cultural. Desterritorializações no sentido de tensionar esse campo por meio do pensamento rizomático – uma outra forma de pensar, com lógica e conceitos próprios. O exercício de trazer o olhar dessa Filosofia para o patrimônio cultural tem por objetivo evidenciar a “maquinaria patrimonial” que se configura, e mais: exaltar e incentivar resistências frente às políticas/práticas no âmbito do patrimônio aqui entendido como hegemônico; experimentar/criar abrangências outras de um patrimônio cultural porvir. Nesse sentido, a tese se abre, inicialmente, nesses dois pontos fragmentados, porém conectados por linhas de desterritorialização, a serem propostas.

Faço um Louvor às Resistências.... As existências que sobrevivem. São objetos de estudo que, a meu ver, trazem acontecimentos, simultaneamente lampejos e lutas diárias, que causaram rupturas e conexões. Possuem marcos temporais específicos em suas emergências, porém constituem sobrevivências importantes a serem destacadas – sobrevivências a processos territoriais hegemônicos, guiados pelo Capital. Sobrevivências que fazem uso do conceito Identidade para a garantia de seus direitos. Esse conceito, no qual se ampara discursivamente o campo do patrimônio cultural, é aqui problematizado.

A relação identidade-território, por conseguinte, é chave para as análises, guiando, inclusive, as conexões que foram se estabelecendo. Nessa perspectiva identitária, são elencados “Territórios Negros” e “Territórios Indígenas”, remontando ao “grupos formadores da Nação”, assim definidos pela Constituição de 1988, no Brasil. As resistências abordadas se insurgem na Macropolítica, porém se expandem micropoliticamente pelo direito de existir em sua potência criadora, em conformidade com o defendido pela contemporânea Suely Rolnik (2018).

Ainda na visão de Rolnik (2018), há uma complexificação nos territórios em vias de formação, cada vez mais povoados e não delimitados somente pelo caráter identitário. Um contraponto da tese, então, para além da relação identidade-território, embora reconhecendo sua devida importância, mais aprofundada e elucidada com os casos mencionados, são os aqui tratados como “territórios anônimos”.

Os Territórios Anônimos vêm para pontuar a potência da não-patrimonialização. São aqueles que também conectam, fazem parte, “são”: espacialidades nômades, ocupações populares/feministas/etc, o pixo – em parte, já cartografados em pesquisas universitárias e outros estudos. São elencadas algumas dessas outras “insurgências” para conectar, ressoar, rizomar.

A Montagem aparece como metodologia nesse dado momento, uma “forma de pensar por”. Seria possível pensar o patrimônio cultural a partir de narrativas geradas por montagens? Estariam ali os “territórios anônimos”? Quais desdobramentos essa “reapropriação da subjetividade” permite? Uma reapropriação que se coloca frente a uma produção forçada de subjetividades generalizadas e padronizadas cujos valores são guiados pelo mercado, como aborda Guattari (1992), e se observa no campo do patrimônio cultural.

Também um convite ao leitor a perceber “territórios anônimos” outros, e a criar seus próprios nexos diante das montagens apresentadas, pensando nelas como “instâncias de subjetivação coletiva”, nas palavras de Guattari (1992). Eis algumas pontas soltas pretendidas... Dá-se, por conseguinte, o caráter múltiplo ao trabalho. A tese própria como dispositivo contra o pensamento único, sem ela também o ser; um exercício de “não-síntese” da polifonia de atravessamentos.

Janaina Bechler

Pós-Doutorado

Supervisão: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2017

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano



[SEM TÍTULO]

Essa pesquisa busca pensar a experiência urbana e as formas de narrá-la. Particularmente nos interessam aquelas que se propõe a uma disponibilidade para experimentar a rua, a cidade, a partir da colocação em suspensão de um “si mesmo”, identitário. Encontramos essas formas narrativas em relatos de movimentos errantes, nas “vagabundagens”, “deambulações”, formações delirantes, de artistas, loucos, literatos. A partir de uma condição, seja ela produzida e intencionada, ou não, que desestabiliza o domínio da ação e do modo de estar na cidade cotidianamente, a experiência e sua narração aproximam-se muito de um lugar de exílio do sujeito, comum à literatura e às poéticas, ao que Blanchot, em diferentes obras, nomeará como neutro, fora, noite, exterior.

Em nossa hipótese, essa condição Fora/exterior se transmite nos relatos como um vácuo de sentido, e, ainda que seja escrito em primeira pessoa, não se deixa reduzir em posições languageiras comuns, de sujeito e objeto, e constitui-se como uma questão, um ‘entre’ a identidade do Eu e a vertigem de seu esfacelamento.

Em outras palavras, a literatura não é algo que se dê num espaço exterior ao mundo, ele é o fora, esse não-lugar sem intimidade, sem um interior oculto, onde o arista é aquele que perdeu o mundo e que também se

perdeu, uma vez que não pode mais dizer Eu. Portanto, a literatura não se fixa a nada, nem a um espaço – interior ou exterior, nem a um tempo, nem a um sujeito. Sua fala é essencialmente errante, móvel, nômade; ela se coloca sempre fora de si mesma. (LEVY, 2011, 29-30)

Parece-nos ainda, e nos interessa também por essa característica, como um lampejo da constituição primitiva do EU, quando da separação do espaço eu-outro, em que os limites-bordas do corpo se produzem no embate com outros corpos, um enigma de constituição que resta como tal, insistindo em não se desvelar, mas se impõem como um radical desconhecido. A estranheza de si e do espaço, uma vez que essas categorias são suspensas:

Acreditamos falar do neutro alí onde a relação direta com um sujeito que a exerceria parece faltar a uma ação de passividade; isso deseja, morre-se. Certamente, a pulsão do enigma que Freud, ao nomear Inconsciente (e ao servir-se, como de um dos pontos de referência capazes de delimitá-lo, da palavra de certo modo muda de que o francês ça [isso], a um tempo grosseiro e refinado – como se da rua “vulgar” se elevasse o murmúrio de uma afirmação indomável, à maneira de um grito do submundo - , assinala melhor ainda a estranheza), não cessa de designar sem poder fixá-la, é de início entendida por meio do neutro, e, em todo caso, faz com que nos limitemos a entender o neutro como a pressão desse enigma (BLANCHOT, 1986, 38)

Se pensarmos que a transmissão desse “desconhecido” desestabiliza a ordem valorativa das palavras, como afirma Blanchot (1986, pp. 38), podemos pensar que há uma possibilidade intrínseca ao ato de produção das experiências urbanas, e sua transmissão, de uma abertura para uma transfiguração dos espaços da cidade, e a possibilidade de existência de outras histórias contadas e fabuladas,. Quem sabe, apontam também para uma transfiguração do sentido da política (escrevemos com Agamben(1995), política como “fenda comunicante”), a medida em que colocam em questão a relação eu-outro, a partir desse “desconhecido” posto em cena. São questões de uma pesquisa que está em constituição.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. 1995. *Moyens sans fins – notes sur la politique*. Paris, Payot & Rivages, 2002.
- BLANCHOT, M. 1986. *A Conversa Infinita 3: A ausência de livro*. São Paulo, Escuta, 2010.
- LEVY, Tatiana Salem. 2011. *A experiência do fora*. Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

Janaina Chavier Silva

Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2015



[SEM TÍTULO]



Propomos para essa pesquisa de doutorado o estudo do espaço em constante transformação nas grandes cidades e, em particular, da/na cidade de Salvador. Da constatação da diversidade de sua materialidade física à observação das narrativas históricas que atravessam o tempo, das dinâmicas cotidianas que regem relações sociais estabelecidas nesse espaço em transformação, buscamos por maneiras de **pensar e dizer o espaço urbano contemporâneo** que a todo o momento é fragmentado, atravessado por vertiginosas, e muitas vezes brutais, movimentações de terras.

Para evocarmos esse espaço em transformação, fizemos uma escolha ariscada: olhar para o contemporâneo, olhar para a primeira via construída no Brasil, a Rua Chile - porta de entrada para o Centro Histórico da cidade de Salvador – que vem passando, desde início de 2014, por diversas e complexas mudanças. Nos debruçamos sobre o processo de transformação dessa rua, marcado por uma valorização imobiliária que pode ser percebida pela saída de antigos comerciantes devido ao aumento dos valores dos aluguéis, bem como pelas reformas nas edificações históricas, localizadas em toda a sua extensão. Interessa-nos a desestabilização e o tensionamento de enunciados historiográficos e urbanísticos hegemônicos. O futuro prospecta uma rua Chile glamorosa como no passado, porém destituída da variedade de usos e de espaços públicos, pois seu processo de transformação faz parte da construção de uma imagem de cidade a ser internacionalmente comercializada.

Ao deslocarmos por esse espaço-mundo, temos o privilégio de montar um quebra-cabeça constituído de parte de Salvador, camadas de Nova Iorque, fatias de Paris, fragmentos do continente africano... Um espaço que não corresponde a nenhuma materialidade integrada, suas partes estão disjuntas, fragmentadas, espalhadas pelo globo terrestre. Esse “mundo em miniatura” (Walter Benjamin) que acreditamos ser a rua Chile, contém elementos diversos, parcelas de realidade a serem traduzidas por múltiplas maneiras de pensar e dizer um espaço em transformação.

Pensar determinado espaço é estar inserido em um conhecimento espacial, uma experiência que podemos somar a outras tantas áreas do saber, que vão além da disciplina Urbanismo, nos possibilitando assim indagar os pressupostos da ciência moderna e sua ruptura com outras formas de conhecimento. O conhecimento espacial é obrigatoriamente socioespacial, um híbrido, uma “prática cultural crítica”, um meio de estudo e identificação do mundo e não exclusivamente um caminho de instrumentalização do espaço e do mapeamento de recursos a serviço dos interesses produtivistas, cientificistas e disciplinadores.

Tendo o uso do espaço como ponto central propomos olhar para aquilo que escapa ou é negligenciado como experiência de conhecimento pela objetividade científica, e também para a própria objetividade científica capaz de rotular, classificar, normatizar e impor maneiras de pensar, dizer e produzir o espaço urbano.

Se a cidade não se materializa em um só tempo, é quase que óbvio que não deve

ser “contada”, lida ou escrita em um só tempo também. Qual é a escrita da cidade que nos devolve suas múltiplas temporalidades, suas múltiplas espacialidades, sua diversidade? Qual é a escrita da cidade que se faz coerente a sua espacialidade fragmentada, suas diferentes tramas?

Em meio aos textos que lemos, em meio às andanças pela Rua Chile, em meio aos seus fragmentos arqueológicos, em meio à poeira suspensa no ar que nos confunde a visão nos fazendo acionar outros sentidos, lançamos mão de uma hipótese que nos ajuda a pensar nas perguntas a cima. Nossa hipótese trás Walter Benjamin, mas um Benjamin que está pensando e escrevendo sobre uma política do espaço, algo que ele fez com maestria (ou seria artesanaria?), ao falar sobre as cidades de Moscou, Berlin e Paris, em seus textos/livros/artigos - Diário de Moscou, Rua de mão única e Paris capital do século XIX. Nossa hipótese é que Benjamin faz desses escritos uma “tradução do espaço” (um processo escavatório?), abrindo lacunas espaciais com sua narrativa fragmentada, deixando emergir imagens (de pensamento) complexas, sobrepondo diferentes disciplinas do conhecimento (história, urbanismo, literatura...) e trazendo à tona, dessa maneira, o pensamento de uma época, tendo como ponto central a cidade, o espaço em transformação. Pensar, olhar e dizer a Rua Chile a partir dessa hipótese é uma tentativa de deixar emergir as interrupções e descontinuidades dos processos urbanos que a primeira rua do Brasil vem sofrendo desde de 2014.

Obs: *Vale deixar claro que a pesquisa tem muito que caminhar ainda e estamos no processo de desenvolvê-la.*

João Soares Pena

Doutorado

Orientador: *Pasqualino Romano Magnavita*

Ano de ingresso: 2015



FAZENDO PONTO

corpo, cidade e práticas sexuais¹

Lembro que antes de ir para Amsterdã, antes mesmo de estudar sexualidade, sempre que eu ouvia Red Light District ou mesmo Amsterdã, o que eu pensava estava majoritariamente relacionado a liberdade, a um povo “mente aberta”, a um lugar onde tudo poderia acontecer, uma atmosfera que exalaria sexo. Era sempre uma imagem positiva que ilustrava um lugar complexo, vivo, mas também uma imagem tomada pelo consenso. Consenso este reforçado pelas ideias que circulavam sobre Amsterdã, pelas experiências de quem já tinha visitado a cidade. Fazer campo no Red Light District ao mesmo tempo que desmanchou esse consenso, ampliou meus horizontes para compreender melhor a riqueza desse lugar, a diversidade do que lhe constitui e algumas questões que estão em jogo.

O Plano 1012, lançado em 2007, bem como a narrativa que lhe justifica tem como um dos principais argumentos a alta **criminalidade** existente na Red Light. Em virtude disso, o plano diz objetivar lutar contra as atividades criminais, principalmente o tráfico de mulheres para a prostituição. Isto é questionado por pessoas ligadas à indústria do sexo, incluindo sex workers e administradores de bordéis. As **drogas** são outra questão que aparece bastante quando interlocutores comentam sobre a RLD nos anos 1970/1980, mas também nos anos 2000. Parece

consenso, contudo, que o número de drug dealers diminuiu bastante e que a área conta com mais policiamento e controle via câmeras.

Em termos de constituição da área, tem sido importante o aspecto das **ocupações** em imóveis desde os anos 1970, onde mora parte dos moradores mais antigos que viveram aí na época da liberação sexual e que parecem ter um especial afeto pelo bairro. De acordo com as conversas e observações, parece haver um **senso de vizinhança** entre os diferentes comerciantes, moradores, pessoas da indústria do sexo etc., que se conhecem e sentem-se pertencentes ao lugar. Alguns dizem, contudo, que a proximidade com as sex workers era maior antes quando havia mais holandesas ou quando o ritmo de trabalho não era tão intenso. Tempo é dinheiro! Hoje em dia, muitas estão ali apenas para fazer dinheiro, dizem.

Entre os objetivos do plano, dito também por técnicos da prefeitura, seria trazer mais **diversidade**. Para eles, a área era basicamente composta de bordéis e atividades correlatas, porém esse discurso é questionado por outros interlocutores que afirmam que, como consequência do plano, a área está cheia de lanchonetes e lojas de souvenir – estabelecimentos para servir a demanda do crescente **turismo de massa** que tem deixado a área cada vez mais cheia. Com isto, o plano parece não ter sido bem sucedido promover a vizinhança para os moradores, mas ao contrário, o turismo tornou-se um problema, uma reclamação constante de moradores que veem a área voltada aos turistas que andam como se estivessem num zoológico, que olham para as sex workers como se elas fossem um **macaquinho** que está ali para ser observado. Muitas pessoas não buscam os serviços das profissionais do sexo, apenas consomem a imagem produzida pela sua presença no intuito de matar a curiosidade sobre algo que lembramos quase automaticamente quando se fala sobre Amsterdã.

Outra questão que está relacionada ao turismo de massa e a **multidão** que visita a RLD tem sido uma queixa ou comentário de várias pessoas. Muitas pessoas se comportam como se estivessem em um **parque temático**, como a **Disneylândia**. Um parque orientado para o sexo, as drogas e a curtição. Isto também tem sido uma preocupação para a administração pública, a ponto de o departamento de marketing da cidade criar estratégias a fim de atrair “the right type of visitor”, ou seja, aqueles turistas que estejam interessados em outras atrações e que

permaneça na cidade por mais que um fim de semana, que não queira ir somente à RLD, que frequente os museus etc. Nesse sentido, o departamento de marketing tem empreendido esforços no sentido de promover e fortalecer outros atrativos, como os museus, os canais, o patrimônio arquitetônico, em detrimento da RLD e seus elementos constituintes. Seria um esforço no sentido de mudar a imagem da cidade, fortemente associada a “sexo, drogas e rock ‘n roll”, e criar uma marca – *city branding* – de capital cultural ou cidade global? O planejamento urbano aparece como um dispositivo usado para viabilizar as mudanças necessárias para reposicionar Amsterdã no contexto global.

Como resultado do Plano 1012, além de cassinos, *sex shops*, *coffee shops*, 128 windows foram fechadas e, de acordo com a prefeitura, outras serão fechadas em breve. A prefeitura decidiu concentrar os bordéis no principal canal, na rua Oudezijds Achterburgwal, o que possivelmente provoque uma maior concentração de pessoas, pois é aí onde estão as “principais atrações” da área. Por vezes, as áreas onde não há windows ou coffee shops são substancialmente mais vazias do que os trechos marcados pela presença das sex workers. Muitos antigos bordéis foram substituídos por outros empreendimentos como lojas de roupas caras, de souvenirs, lanchonetes de *fast food*, restaurantes e bares, estabelecimentos de **economia criativa**, etc. Há certo consenso sobre um processo de **gentrificação** na área na perspectiva de interlocutores, endossado por pesquisadores, porém questionado pela prefeitura. Para a prefeitura, toda a cidade de Amsterdã passa por um aumento no valor dos imóveis, cujo problema não seria uma especificidade do De Wallen. Mas, o que dizer da saída da maior parte dos pequenos comércios locais nos últimos anos, dando lugar a serviços focados na demanda turística?

Para pessoas ligadas à indústria do sexo o Plano 1012 não busca lutar contra o tráfico de mulheres e sim livrar-se da prostituição na área. Elas questionam tal medida que, no fim das contas, teria apenas tirado o local de trabalho das sex workers, empurrando-as para a ilegalidade. Em certa medida, a diversidade supostamente buscada pelo plano é questionável, pois uma breve caminhada pela área revela uma clara predominância de lojas de souvenir e lanchonetes. A prefeitura, inclusive, parece reconhecer isto, pois vai passar a não permitir a abertura de outros estabelecimentos voltados para turistas. Contudo, muitas pessoas, apesar de não concordarem com o plano, com seus objetivos e resultados, afirmam que **alguns**

aspectos na área estão melhores do que antes, tais como a segurança – com o aumento do policiamento, do monitoramento via câmeras e da redução do número de *drug dealers* – e a limpeza das ruas.

Ao longo da trajetória da política de prostituição na Holanda percebemos que há distintas percepções acerca da temática, variando de acordo com os padrões vigentes, com os interesses em voga etc. As recentes mudanças encabeçadas pelo plano sugerem que, apesar de descriminalizada e regulamentada, a prostituição passa a ser encarada de outra maneira e parece não se enquadrar nos interesses atuais da/para a cidade.

NOTAS

1. Título provisório.

Luciana da Silva Andrade

(PROURB-FAU-UFRJ)

Pós-Doutorado Sênior

Supervisão: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2018



A MORADIA POPULAR E A METRÓPOLE NO CONTEXTO ATUAL

perspectivas para a construção de uma escola de [trans]formação urbana

Resumo.

Ou “ponto brasileiro” como metáfora da construção de uma pesquisa.

No momento do início da redação deste resumo, durante a [des]organização das idéias, lembramos do “ponto brasileiro” - ou “samba” - uma técnica de tapeçaria desenvolvida por Madeleine Colaço, artista plástica e tapeceira marroquina naturalizada brasileira. O ponto criado não segue padrões, o que não permite a reprodução, diferentemente de vários outros pontos da tapeçaria. O “samba” só se identifica pelo resultado final: um emaranhado rico de fios que percorrem de modo livre o padrão geométrico da tela de tapeçaria.

Neste momento da pesquisa, o foco foi mapear as bases teórico-metodológicas que orientam e dialogam com o trabalho empírico desenvolvido. Ao elaborará-la, tínhamos a ambição desenvolver análises, reflexões e proposições para a formulação de uma escola que trabalhasse a perspectiva de transformação urbana no processo de formação de técnicos e leigos. Nossa expectativa era, no fim do período da pesquisa, conseguir formular uma primeira versão de uma proposta de “escola de [trans]formação urbana”. Mais do que consciência da incompatibilidade

desse objetivo com o tempo e as condições disponíveis para a sua realização, sabíamos que os rumos da pesquisa certamente não seguiriam nosso planejamento detalhado, o que alertamos no projeto.

Queríamos aprofundar a nossa reflexão sobre as experiências [de transgressões in]disciplinar[es] desenvolvidas em decorrência de nossa atividade docente na FAU-UFRJ e do apoio à Ocupação Solano Trindade, organizada pelo Movimento Nacional de Luta pela Moradia - MNLM-RJ, localizada em Duque de Caxias, cidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A partir delas fomos identificando suas potencialidades e impossibilidades decorrentes do formato disciplinar-fragmentado da formação técnica, particularmente a do arquiteto-urbanista. Ao mesmo tempo em que o foco em questões concretas permitiram, por exemplo, romper os limites de disciplinas tradicionalmente tratadas com enfoque elitista, como o projeto de interiores, encontramos uma série de entraves tanto para o estabelecimento de um diálogo mais efetivo com os moradores, quanto para ações de ensino-aprendizagem mais engajadas com a atividade fim da arquitetura-urbanismo, que é a sua própria realização e não apenas a sua projeção. Vale destacar também a não estanqueidade dos limites disciplinares que envolvem os campos que atuam com e na cidade, como o direito, engenharias, sociologia, geografia, dentre outras. Após essas experiências [in]disciplinares desenvolvidas ao longo de quatro anos, sentimos necessidade de superar o trabalho desenvolvido nas frestas do sistema educacional disciplinar para empreender uma proposta de [trans]formação que abarque um processo mais profundo e igualitário de construção do conhecimento para a ação urbana. Ainda que com ênfase no urbanismo-arquitetura, a perspectiva era a de tensionar tanto os necessários diálogos transdisciplinares no âmbito da educação superior, como também a de promover o encontro entre diferentes níveis de formação com o objetivo de costurar as profundas divisões - social, sexual, além da técnica - do trabalho promovidas no âmbito da modernidade periférica que estamos submetidos.

A literatura revisada trabalha com reflexões, análises e debates que colocam em questão os valores hegemônicos tanto para a concepção da cidade, como para a construção do conhecimento. Sem estabelecer uma relação de rigidez conceitual, mas trabalhando em função da pertinência das formulações teórico-metodológica para a pesquisa, transitamos tanto por pensadores que atuam em dimensão mais

filosófica, como aqueles que trabalham estabelecendo o diálogo com a praxis arquitetônico-urbanística.

Após a sistematização da experiência desenvolvida e a ampliação da revisão bibliográfica, nos vimos diante da necessidade de um mapeamento que traduza as relações entre as bases teórico-metodológicas [e talvez também epistemológicas] que estruturaram nossa prática. Estamos então diante de uma trama de pensamentos e ações complexa, não necessariamente convergente, uma vez que nos apropriamos de autores filiados a escolas do pensamento diversas na orientação e na reflexão sobre essas práticas. De fato, as atividades de ensino-extensão estudadas nesta pesquisa foram desenvolvidas a partir de diálogos com teorias que se estabeleceram sem necessariamente um planejamento prévio. Aqui cabe acionar Paola Jacques e Margareth Pereira nas “Nebulosas do Pensamento Urbanístico”, que nos ajudarão nas etapas seguintes a nos situar nas ideias que nos guiam.

Um norte da atividade que se tornou o universo empírico desta pesquisa é o reconhecimento da importância da desalienação do trabalho do arquiteto-urbanista, o que pressupõe tanto a importância da práxis para além da prancheta, quanto um ensino-aprendizagem que comporte da teoria à execução e, também o diálogo entre saberes. Nesse sentido, é pertinente aliar, de forma devidamente contextualizada, o pensamento de Walter Gropius para a Bauhaus às *Radical Pedagogies* de Beatriz Colomina. Dialogando com nossas questões, Paulo Freire, com a base de uma Pedagogia dos Oprimidos, e Richard Sennett, que em “O Artífice” nos alerta para a importância do trabalho artesão, também constituem a trama que se entrelaça como estruturantes da pesquisa. A abordagem de Freire dialoga com Carlos Nelson Ferreira dos Santos, que no campo da arquitetura-urbanismo critica profundamente o ensino descolado da realidade e que pressupõe a superioridade do saber técnico. Soma-se à abordagem disciplinar, Kenneth Frampton, com a atualização do regionalismo crítico em “*A Critical Architecture – Comments on Politics and Society*”, que reforça a questão da contextualização, o que no nosso caso é a realidade das periferias de grandes cidades brasileiras e o problema ambiental, cada vez mais urgente de ser enfrentado. A ambição de nosso projeto se sustenta em formulações que orientam a [re]construção da utopia de um mundo mais justo, o que passa pela revisão das bases que constituíram utopias do passado,

o que fazem David Harvey, em “*Spaces of Hope*”, e Michel Hardt e Antônio Negri em “*Common Wealth*”. Isto pode requerer tanto uma outra modernidade, aquela que foi apagada, como nos alerta Paola Jacques, em “Montagem de uma outra Herança”, como também a superação da epistemologia que a determinou. Neste ponto é interessante também o retorno ao debate que Harvey desenvolveu em “Condição Pós-moderna”. A conexão deste tema com a forma fragmentada das disciplinas nos leva de novo a Paola Jacques e ao debate de Boaventura de Souza Santos em “A Crítica da Razão Indolente” e em “A Universidade no Século XXI”, entre outros.

Estando a pesquisa ainda em processo, e dado o universo heterogêneo de pensamentos que dialogam e estruturam sua construção, vemos a imagem de uma tapeçaria que usa [também] o “ponto brasileiro” como uma metáfora para a diversidade de nebulosas, nem sempre consonantes, que desafiam a sua consecução.

Rafael Luis Stmões Souza e Silva

Mestrado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019



NARRAR A CIDADE ATRAVÉS DOS QUADRINHOS

possibilidades outras de narração, apreensão e experiência por meio da linguagem polifônica dos quadrinhos e de sua fabulação/ficção do urbano

Este projeto se insere no conjunto de estudos sobre narrativas que abordam a experiência urbana e apreensão da cidade contemporânea nos mais variados níveis de cruzamentos e interpretações. Para compreender a complexidade da cidade contemporânea se faz necessário investigar/questionar sua abordagem — sobretudo os modos com que estas narrativas são constituídas e transmitidas —, para que seja instaurada uma multiplicidade capaz de proporcionar uma apreensão mais complexa, sensível, polifônica e dissensual das cidades. Como narrar e, sobretudo, como compartilhar estas narrativas torna-se, portanto, desafio e objeto de escrutínio. Sobre a singularidade da experiência e a possibilidade desta ser transmitida e apreendida pelo outro, Jorge Larrosa discorre:

(...) o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (...) o saber da experiência não pode beneficiar-se de

qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode apreender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria. (LARROSA, 2002, p.27)

A narração como um outro tipo de experiência da cidade sugere uma aproximação entre o campo da linguagem e do urbanismo, na medida em que descortina possibilidades de abordagens da vida urbana, assim como proporciona, através do compartilhamento da experiência — com os recursos da linguagem —, chaves para outros entendimentos e apreensões. Segundo Lia Scholze, a narrativa “nos permite criar e, pela criação, tornar a experiência sensível a todos, coletivizar.”(2007, p.140).

A linguagem, na condição de instrumento constitutivo de narrativas, se conjugada de forma múltipla — no entrelace de suas modalidades verbais e visuais —, possui o potencial de descortinar novas possibilidades de abordagem do urbano, e de alcançar nuances acerca da cidade e dimensões da experiência inacessíveis se vistas através de uma única vertente, sendo esta texto ou imagem. Tal entrelaçamento de linguagens é possível nos quadrinhos, ferramenta que proporciona — Nick Sousanis aponta em sua tese intitulada *Desaplanar* — uma dança participativa das linguagens. “O texto imerso na imagem. As figuras ancoradas nas palavras. Revezando sentidos entre suas fronteiras.” (SOUSANIS, 2017, p.53). Sousanis expõe que, enquanto os textos marcham de forma linear, as imagens apresentam-se em sua totalidade de modo simultâneo. Portanto os quadrinhos, apesar de serem lidos sequencialmente, também possuem suas composições absorvidas — vistas — de uma só vez. Esta interação especial do sequencial e simultâneo ainda pode ser imbricada à possibilidade de incorporação de modalidades profusas de sinais e símbolos, camadas múltiplas transmitidas juntas, em polifonia, o que amplia a capacidade dos quadrinhos de capturar e transmitir nossos pensamentos em sua emaranhada complexidade. Sobre tal potência dos quadrinhos, Sousanis discorre:

Testemunhamos o tempo passar de forma sequencial — os ponteiros do relógio avançam, mudamos de uma atividade para outra, e assim por diante. Mas, ao mesmo tempo, os pensamentos estão sempre à deriva, acontecendo todos de uma vez. Os quadrinhos não só nos permitem respirar tanto no mundo das imagens quanto no dos textos como nos possibilitam ter experiências de simultaneidade e sequencialidade, o que

lhes dá enorme poder diante de narrativas complexas ou para explorar ideias a fundo. (SOUSANIS, 2017)

Thierry Groensteen, em sua obra intitulada *O Sistema dos Quadrinhos*, coloca que palavra e imagem conjuntamente são responsáveis pela significação da narrativa. “A palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmentos de um sistema geral, assim como as imagens.” (GROENSTEEN, 2015, p.25). Os elementos gráficos e textuais não podem, portanto, ser reduzidos em unidades mínimas de sentido. A narrativa se concretiza na articulação deste todo complexo.

Os entrelaces de modalidades de linguagens e dos diferentes pontos de vista inerentes aos quadrinhos sugerem uma correlação com a postura caleidoscópica diante da compreensão da complexidade da cidade contemporânea, e estimulam formas outras de narração das distintas e divergentes experiências urbanas, amplificando, por conseguinte, as possibilidades de apreensão em seu compartilhamento.

A fabulação/ficção em quadrinhos como técnica para se pensar, discutir e disputar a cidade

Para se aproximar da fabulação, no sentido de algo presente e necessário para a compreensão, reflexão e abordagem da cidade, é preciso entender que ela vai além de sua interpretação como fato inventado ou história fantasiosa. Fabular é, sobretudo, criar — tensionar os limites de possibilidades para dar forma a outras configurações de relações e espaços. A potência da imaginação presente na fabulação é uma potência realizadora. “A ciência e a técnica são fruto não só da inteligência, mas da imaginação humanas; e a imaginação *diurna* do sábio estaria finalmente tão longe da imaginação *noturna* do pintor ou do escritor criadores do fantástico?” (HELD, 1980, p.60). Sobre este poder de realização, Georges Didi-Huberman irá discurrir:

Assim como não há forma sem formação, não há imagem sem imaginação. Então por que dizer que as imagens poderiam “tocar o real”? Porque é

um enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura e simples faculdade de desrealização. Desde Goethe e Baudelaire, entendemos o sentido constitutivo da imaginação, sua capacidade de realização, sua intrínseca potência de realismo que a distingue, por exemplo, da fantasia ou da frivolidade. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.208)

A fabulação se correlaciona à cidade na sua vivência cotidiana. Fomenta desejos, ações, projetos, nos mais diversos níveis. Está presente no ato de projetar a cidade, no gesto de planejá-la e desejá-la. E ela toca o real na medida em que o torna possível de acontecer, de refletir sobre, de criticar, contaminando-o. Errar pelas possibilidades e frequentar as cidades invisíveis diante da cidade por meio da fabulação — enxergando-as com olhos múltiplos através dos quadrinhos — pode revelar-se uma técnica poderosa para narrar, apreender, pensar sobre a cidade contemporânea, e disputá-la através do imaginário, das reflexões e dos desejos despertados pela experiência narrativa. Uma chave para entendimentos outros sobre o urbano, visto por ângulos pouco estudados.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as Imagens Tocam o Real. In: *PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*, vol.2, n.4. Tradução: Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2012. p. 206–219.

GROENSTEEN, Thierry. *O Sistema dos Quadrinhos*. Tradução: Érico Assis. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015. 184 p.

HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: As Crianças e a Literatura Fantástica*. Tradução: Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980. 240 p.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Tradução: João Wanderley Geraldi. n.19, 2002. p.20-28.

SCHOLZE, Lia. A Linguagem Como Elemento Privilegiado na Construção da Reflexão de Si. In: *Letras de Hoje*. v. 42, n. 2, Porto Alegre, 2007. p. 139-153.

SOUSANIS, Nick. *Desaplanar*. Tradução: Érico Assis. São Paulo: Veneta, 2017. 208 p.

Rafaella Lino Izeli

Mestrado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Coorientadora: Thaís Troncon Rosa

Ano de ingresso: 2017

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



OCUPAR A RUA!

uma aproximação à Avenida Paulista

Esta pesquisa pretende compreender as ocupações da rua, sobretudo da Avenida Paulista na cidade de São Paulo, durante dois momentos recentes e específicos de uso deste espaço: a Paulista Aberta e as manifestações políticas.

A Paulista Aberta faz parte de um Programa municipal denominado Ruas Abertas, implantado em 2015 na cidade de São Paulo, durante a gestão do ex-prefeito Fernando Haddad, com o objetivo de: “abrir para pedestres e ciclistas ruas e avenidas de grande relevância (...) aos domingos e feriados, das 10 às 17 horas, como forma de promover uma melhor ocupação do espaço público” (SÃO PAULO, 2015). O Programa, que chegou a contar com cerca de 26 vias “abertas” pela cidade, iniciou-se pontualmente sobre a Avenida Paulista, após uma ação conjunta entre coletivos ativistas e poder público que vinha sendo desenhada desde 2014. Passou a ser instituído oficialmente somente em 2016, pela publicação do Decreto n. 57.086/2016 e pela Portaria n. 226/2016. Cabe ressaltar que esta Portaria, “considerando a necessidade de fortalecimento local do Programa Ruas Abertas” constituía um “comitê de acompanhamento” formado pelos coletivos motivadores da proposta – Minha Sampa, Sampapé, Bike Anjo e Cidade Ativa, a fim de “apoiar a prefeitura no aprimoramento do Programa”.

Apesar da tentativa de expansão da iniciativa e institucionalização da ação em um Programa municipal, o “sucesso” alcançado sobre a Avenida não se estendeu, de forma geral, às demais regiões que receberam o Ruas Abertas. Por este motivo, por manter o interesse sobre às possíveis formas de ocupação do espaço da rua em momentos que não da circulação estrita de automóveis e por encontrar uma grande efervescência, questionável certamente, sobre o espaço da Avenida, que esta pesquisa se ateu exclusivamente à Paulista em detrimento da investigação do Programa como um todo.

Através da caminhada (ROCHA, 2013) como metodologia de pesquisa, procurou-se atentar às práticas (CERTEAU, 2012) de rua pulsantes naquele espaço aos domingos e feriados. É a partir da observação de tais práticas, consideradas aqui como dominantes e “escapatórias”, mas sem que se restrinja a esta dualidade estrita, que se busca compreender a ação do poder público sobre o espaço e as formas e tentativas de organização da sociedade civil no que se caracteriza como um “espetáculo” semanal. Este “espetáculo” montado na Avenida, em contraponto a um aparente “esvaziamento” das demais vias participantes do Ruas Abertas, pode ser considerado, em grande parte, como um reflexo tanto das políticas públicas implementadas quanto dos esforços despendidos de coletivos ativistas sobre a rua.

Em vista dessa conjuntura e desta articulação entre Estado e sociedade civil, atentando-se aos distintos agentes atuantes sobre a cidade e às distintas lógicas que ali operam, tornou-se importante compreender o papel destes coletivos na produção e manutenção do espaço urbano. Ateve-se, sobretudo, aos quatro coletivos participantes da idealização e implantação do Ruas Abertas, como um recorte, mesmo que demasiadamente pequeno, mas possível de investigação dentro de um universo extremamente complexo e de difícil definição, assim como compreende Maria da Glória Gohn acerca destes “novíssimos sujeitos em cena”: “um leque de frentes de difícil separação entre o que é movimento social, o que é ONG, o que é uma instituição formal que apenas se articula com uma rede de movimento social e, ainda, o que é ação do poder público estatal” (GOHN, 2008).

Apoiando-se em Dagnino (2004), procura-se compreender os deslocamentos discursivos produzidos pelo projeto neoliberal nos anos 1990 e problematizar a participação cidadã nos espaços de decisão, apontando para uma possível despolitização destes agentes quando muitas vezes associados à iniciativa privada

ou trabalhando a serviço do poder público, passando do “cidadão reivindicante ao propositivo, do militante ao ativista organizador” (GOHN, 2008). Considera-se, ainda, como uma camada particular e importante a estes agentes, e que claramente reflete sobre a ocupação do espaço da rua, sobretudo da rua em questão nesta pesquisa, a articulação em redes e a atuação em um hibridismo entre “espaço *online* e *offline*” (CASTELLS, 2013).

É a partir da mobilização destes referenciais teóricos e da circulação destes agentes – coletivos ativistas – pelos espaços de manifestação, que esta segunda camada é acrescida à pesquisa. Não como uma tentativa de compreender este momento nebuloso que conformou o período de protestos no Brasil, nem tampouco os seus desdobramentos ainda bastante confusos e sem delineamentos precisos, mas na busca de investigar as mudanças e significâncias do espaço da rua no contexto referido. Visto que as manifestações recentes em São Paulo se concentraram e ainda se concentram, sobretudo, na Avenida Paulista, considerou-se pertinente esta articulação entre o espaço da rua festivo e o espaço da rua político, não excluindo, obviamente, seus entrelaçamentos e sobreposições nos dois momentos.

Esta aproximação passa pela breve compreensão dos movimentos de ocupação denominados como “Ocupas” – e neste sentido, uma necessária compreensão do que significaria este termo “ocupação” hoje, como forma também de entrecruzar estas duas camadas que se propõe investigar sobre a Avenida – e pela compreensão do que se tem difundido recentemente como espaço “comum”. Para Pierre Dardot e Christian Laval (2017) o “comum” estaria relacionado à maneira dos movimentos contemporâneos de “transformar a resistência persistente e corajosa de amplos setores da sociedade às políticas de austeridade em vontade e capacidade de transformar as próprias relações políticas, em ir da representação à participação”. Nesta abordagem, a oposição dualista ao mercado e Estado que vem sendo há anos adotada como forma de enfrentamento às forças atuantes, não se mostra como uma “alternativa política positiva” (DARDOT; LAVAL, 2017), justamente pelo fato de o Estado assumir-se como um protagonista neoliberal, desempenhando as mesmas lógicas de mercado. Trata-se aqui, para os autores em questão, da necessidade de uma concepção de participação que evoque a autogestão, pressupondo como regra a abrangência de toda a sociedade em todos os níveis políticos e administrativos, a fim de alcançar assim, uma “democracia real”.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.

DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?. In: GARCIA, Illia e MATO, Daniel (coords). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: UCV, 2004.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. In: *Revista Lugar Comum*, n. 49, p. 217-226, (tradução de Renan Porto), 2017.

GOHN, Maria da Glória. Associativismo civil e movimentos sociais populares em São Paulo. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 130-138, mai./ago., 2008.

LIMA, Eduardo Rocha. A cidade caminhada...o espaço narrado. *Revista Redobra*, Salvador, v. 3, n. 11, p.202-211, 2014.

Vivianne Carvalho do Bú

Mestrado

Orientador: a definir

Ano de ingresso: 2019



A RELAÇÃO INDIVÍDUO-CIDADE NA PRODUÇÃO NARRATIVA DE JOÃO GILBERTO NOLL, HOTEL ATLÂNTICO, E DE MARIA VALÉRIA REZENDE, QUARENTA DIAS

Sob uma óptica transdisciplinar, a pesquisa está apoiada na apreensão do contexto citadino, enquanto experiência urbana, da produção literária do final século XX e início do século XXI. Desse modo, propõe-se investigar como a cidade contemporânea e suas novas formas de produção/reprodução sócio espaciais refletem no sentimento de desenraizamento dos personagens dos romances de João Antônio Noll, *Hotel Atlântico* (1989), e de Maria Valéria Rezende, *Quarenta Dias* (2014).

A escolha dos dois romances se deu, a prior, pelo fato de ambas narrativas apresentarem personagens-protagonistas em constante trânsito pelo meio urbano. Por esta razão, a partir da relação dialógica entre “indivíduo-meio urbano”, sugerida nas narrativas, seria possível transferir o objeto de estudo do campo literário para o universo de análise da arquitetura e urbanismo.

O primeiro objeto de estudo é o romance *Hotel Atlântico* (1989) que apresenta em seu enredo um narrador-protagonista que mergulha em uma viagem onde os destinos não são previamente determinados e, sim, impulsionados pelo acaso, inesperado e, principalmente, pelo desejo de busca do personagem que sempre o leva a partir rumo ao desconhecido. Dessa forma, é como se a orientação

geográfica, o destino, ou os pontos de fixação momentâneos não tivessem importância significativa. Dentro dessa perspectiva, qualquer lugar “serve”, o que passa a ser valorizado é o processo, o movimento, o deslocamento.

Por esta razão, pode-se inferir que João Gilberto Noll exibe um personagem desenraizado tanto sob o aspecto físico do lugar, na medida em que o personagem está sempre em trânsito, quanto no que concerne do perfil sócio histórico do sujeito protagonista que não tem nome, identidade revelados, a única informação transmitida ao leitor do romance é a de que o protagonista é um ex ator. Ademais, as relações interpessoais estabelecidas entre o protagonista e outros personagens são, essencialmente, fragilizadas. Esse esvaziamento emocional pode ser ressaltado quando o personagem afirma no romance: “Eu não guardo nada comigo”(Noll, p.41) conotando a ideia de que não há possibilidade para lembranças, preservar algo, tudo se direciona para a ação momentânea do presente, sem fim ou destino.

O desenraizamento no que diz respeito à relação entre o indivíduo e a paisagem de pedra é potencializada através do itinerário errante do protagonista por hotéis, ônibus, rodoviária, hospital que constituem espaços de passagens. Para o teórico Marc Augé (2012) esses espaços de não fixação constituem o que ele denomina como “não lugares”. De acordo com o autor, “se um lugar pode ser definido com identitário, relacional, histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o não-lugar”(p.73).

O segundo objeto de estudo, utilizado como pretensa ferramenta de compreensão do binômio indivíduo-cidade contemporânea, é o romance *Quarenta dias* (2014) da autora Maria Valeria Rezende. O enredo traz como narrador-protagonista, Alice, uma professora aposentada que mora na cidade de João Pessoa, Paraíba, e que é forçada pela filha, Norinha, a se mudar para o sul do Brasil, Porto Alegre, cidade onde a filha mora com o marido. O motivo que desencadeou essa imposição por parte de Norinha está relacionado ao desejo de ter a mãe por perto para ajudar a cuidar dos futuros filhos de uma gravidez ainda não programada. Sendo assim, a contragosto, Alice se muda para Porto Alegre para um pequeno apartamento mobiliado pela filha.

A mudança física da protagonista para outra cidade, outro lar vai promover uma espécie de desrefencialização, onde Alice não se reconhece naquele espaço privado

e passa a negá-lo. Por esta razão, como forma de fugir e, de certo modo, reagir à realidade que lhe foi imposta, Alice mergulha na atmosfera amorfa das ruas da capital gaúcha, como um errante urbano, na tentativa de reencontrar um sentido para vida.

No entanto, para justificar sua “insana” decisão de experimentar visceralmente a cidade, Alice escolhe, portanto, um motivo para dar o gatilho às suas deambulações urbanas ou, melhor, ao seu autoexílio. A protagonista determina, portanto, como propósito, encontrar Cícero Araújo, filho da manicure da prima, que está há mais um ano sem entrar em contato com a família na Paraíba. A procura por Cícero vai direcionar os trajetos da personagem que passa a se inserir nas camadas marginalizadas da cidade de Porto Alegre, nos espaços esquecidos, “invisíveis” que aparecem na narrativa de forma crua, “desglamourizados”. A procura por Cícero é, na verdade, apenas um pretexto para dar sentido a suas errâncias pela cidade. De acordo com Jacques (2008), o errante estaria interessado no “desterritorializar, ou no se perder, este estado efêmero de desorientação espacial, quando todos os outros sentidos, além da visão, se aguçam possibilitando uma outra percepção sensorial”.

Dessa forma, a cidade aparece na narrativa como um dispositivo de uma reflexão urbana, social e, em uma lente aproximada, uma reflexão introspectiva, desencadeando, assim, as inquietações íntimas da protagonista. A rua passa, por sua vez, por um processo de resignificação no universo vivenciado pela protagonista na medida em adquire a representatividade de lar. Assim sendo, há uma inversão do que é convencionalmente estabelecido onde a casa, o apartamento em Porto Alegre, se torna um espaço de estranhamento e perturbador para a existência da protagonista.

Em consonância com o romance de João Gilberto Noll, Maria Valeria Rezende traz uma personagem que está em constante movimentação pelas “zonas opacas” da cidade. Nesses percursos, a protagonista dá ênfase, semelhantemente ao romance de Noll, a representações de “não lugares” tais como rodoviária, aeroporto, hospital que vão atuar como espaços de ancoragem da personagem. É possível sugerir, portanto, que esses cenários não “identitários” sejam explorados nos romances como forma de agudizar a representação imagética da cidade contemporânea.

Ygor de Andrade Araujo

Mestrado

Orientador: Pasqualino Romano Magnavita

Coorientador: Eduardo Rocha

Ano de ingresso: 2017

Pesquisa Coletiva: Arquivo Laboratório Urbano



A ARTE URBANA (PIXO E GRAFITE) COMO ATRAVESSAMENTOS NOS PROCESSOS DE “REQUALIFICAÇÃO” E “RESSIGNIFICAÇÃO” DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DEMOCRÁTICOS: NOVA ORLA DO RIO VERMELHO 2016

A pesquisa visa tensionar e tracionar as dimensões da arte urbana contemporânea expressa nos espaços públicos das cidades através da pixação e do grafite, abordando o planejamento e produção do espaço urbano das cidades materializados em projetos de requalificação, como atravessamentos e componentes ao entendimento da complexidade urbana.

Com recorte em Salvador, mais especificamente no bairro do Rio Vermelho, o projeto da *Nova Orla do Rio Vermelho*, inaugurado pela prefeitura em 2016, é um dos temas que norteiam este trabalho, junto com o pixo e o grafite que se fazem presente permeando toda a história da cidade e marcando o urbano através de suas imagens, também revelando práticas que dentro do universo do “*muito além do bem e do mal*” podem ser ricas fontes de conhecimento aliadas ao urbanismo, por revelarem comportamentos, ações e modos de vida que o habitante ou não, praticam no espaço público e os seus desdobramentos em todos os campos e planos que atravessam o lugar e o tema.

Outro ponto importante é entender como atuam as forças que operam nesses territórios que são físicos, mas que extrapolam a solidez da urbe, formam complexas

redes de domínios e interesses. Em alusão à rede dos pescadores, podemos pensar no Estado, na sociedade, no capital financeiro imobiliário e no comércio, como atores principais da disputa territorial constante e movente pelo direito à diferença ou pela forte indiferença em suas relações. Questões de gênero, raça e todo tipo de segregação ou violência que ocorram, também serão agrupados aos temas mais luminosos¹.

A arte urbana, através das suas manifestações/produções, tendo o grafite e o pixo como objetos de estudo e seus desdobramentos e abordagens na cidade, antagônicas ou não, na relação com outros setores da sociedade, questiona dentro de um sistema democrático, possibilidades de construção, vivência e fortalecimento do espaço público através das questões que envolvem a pixação, por exemplo. Para além do fundamental direito à moradia e trabalho com dignidade que constituem base da nossa nação/constituição, o direito do ir e vir e as liberdades individuais no coletivo, como a alteridade sendo enfoque central, compõem vetores que junto à arte, direcionam esta pesquisa a fim de ampliar entendimento da complexidade urbana e elaborar uma crítica ao planejamento ortodoxo, tecnicista, segregador e neoliberal em voga. A partir do entendimento das interfaces da arte, do artista, da sociedade com outros atores que produzem a cidade, visando questionar saberes sedimentados tradicionais e acadêmicos vigentes frente a uma crítica outra do espaço público urbano visto a partir das leituras diversas da arte e da produção/presença da alteridade e multiplicidade humana, espaço urbano contemporâneo.

Palavras-chave: *Arte urbana; Espaço público; Pixo; Grafite; Democracia; Planejamento urbano; Ten & Tra - cionamentos; Ressignificação; Desconstrução.*

NOTAS

** O espaço público entendido aqui como a sobra territorial pertencente ao coletivo, em anacronismo com a propriedade privada que por seu caráter individualizador, concentrador, segregador e até paradoxalmente de um certo modo libertador, se limita por meio de muros físicos e fronteiras virtuais em relação de quase conflito com a rua.*

1. em referência ao conceito de opaco/luminoso de Milton Santos

PESQUISAS INDIVIDUAIS

**ESTÉTICA,
CORPO E CIDADE**

Gato Matos

Doutorado

Orientador: Pasqualino Romano Magnavita

Ano de ingresso: 2017



ESPAÇO E DOBRA

a contenção como experiência evocativa
no rio São Francisco



Como estudo de caso, do complexo de Sobradinho até a sua foz, o Rio São Francisco abriga uma relação tensa com os mecanismos de contenção e abertura em processo no desenho do seu curso como barragens, projetos de transposição, canalizações dentre outras dobras. Os efeitos sentidos por populações e cidades submersas ou banhadas por suas águas neste processo, são permanentes e semantizam essas transformações, deslocamentos, e por cadeia, evocam a produção de novos sentidos e subjetividades, memórias e histórias destas cidades. Os espaços liberados pelas relações de poder presente, especialmente no caso da cidade de Rodelas engolida pelo Rio São Francisco por conta da Barragem de Itaparica, levantam algumas questões. De que forma os sentidos espaciais se estabelecem? Como e quem tem o poder de transformar os espaços em lugares? Como lidar com a paisagem de uma cidade submersa e a reconstrução de seus espaços e memórias? Como situar uma produção de arte num lugar dominado por oscilações e instabilidades espaçotemporais? Para um estudo que trata da influência

dos desvios e intervenções no curso do Rio São Francisco e as transformações socioespaciais deflagradas na cidade de Rodelas, nada se compara à experiência do trabalho de campo. Entendendo que não é neutro, esta postura por parte do pesquisador decide por colocá-lo em risco, experimentar, entrar em conflito com o objeto de estudo e inserir-se nas relações de forças se misturando aos hábitos e atividades do dia a dia dos habitantes do espaço investigado. Esta intensificação e atenção à pertinência das histórias, sinais e direções, alerta para o problema da reconstrução de Rodelas, suas diferenças, dissensos e contradições, bem como as subjetividades e memórias de sua população, produzindo um mapeamento humanizado deste espaço trazendo outras perspectivas e abordagens através da produção artística.

Ramon Martins da Silva

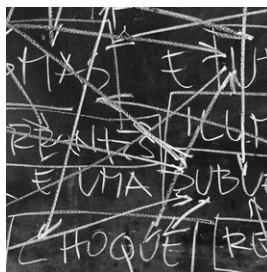
Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



A BAUHAUS E A CIDADE MODERNA

por uma genealogia do corpo útil

Propomos pesquisar e analisar a Bauhaus, este recorte da modernidade de 1919 a 1933, a propósito de seu centenário de fundação no ano de 2019, por uma perspectiva histórico-filosófica, interdisciplinar e inclinada à metodologia genealógica (FOUCAULT, 2018), a pensarmos sua implicação na cidade moderna e o agenciamento de corpos úteis a partir das transformações dos regimes estético-políticos e do ensino do projeto e da construção modernos. Através de um pensar que se desloca por montagens (JACQUES, 2018), intentamos problematizar e complexificar a correlação entre os argumentos e práticas da escola com a emergência da cidade moderna e com as dinâmicas da movimentada vida urbana referente à transição de século (XIX-XX), no esforço de apontarmos ambivalências, contradições e possíveis fraturas inerentes aos seus discursos e práticas, nem sempre iluminadas pelas narrativas mais hegemônicas nos campos da história da arte, da arquitetura e do design. Partimos do pressuposto de que por transformações nos regimes estético-políticos estejamos também a tratar de

transformações do próprio corpo sensível e, assim, movemo-nos na expectativa de confrontarmos as ideias manifestadas pela Bauhaus e suas práticas com as teorias críticas da modernidade no tocante à produção de corpos. Sobretudo as teorias que nos auxiliam a tratar desta modernidade de transição de século e primeira metade do século XX como aquela que, mais do que ser espaço/tempo das transformações nos regimes estético-políticos em função dos novos mecanismos tecnológicos trazidos pelas capacidades industriais, é fundamentalmente fenômeno a concatenar reformulações ontológicas e a movimentar as estruturas sensíveis do corpo e da sua experiência com a materialidade que o cerca.

Falamos da modernidade, portanto, do ponto de vista da construção do corpo útil e apto à disciplina do trabalho estimulada pelos paradigmas da cidade industrial, emergentes dos processos de revolução nos modos de produção que alteravam drasticamente a vida, a experiência nas cidades e atravessavam o corpo sensível de seus caminhantes. Em um primeiro sentido, a modernidade compreendida através do empenho de construção dos corpos coerentes aos processos de revolução nos modos produtivos já desencadeados desde o século XVIII, com os debates críticos de Michel Foucault (2018) sobre a disciplina e o governo biopolítico dos corpos enquanto instrumentalização da cidade e da vida moderna. Também com a crítica à modernidade de Hannah Arendt (2014) que se sustenta pela despolitização do homem com a vitória do *animal laborans* sobre o *homo faber*, isto é, quando o homem deixa de ser figura ativa na construção de mundo e fabricante produtor de objetos de uso duráveis e passa a ser definido como trabalhador empenhado na atividade repetitiva, laboriosa, da produção de bens de consumo imediato destinados à manutenção da sua subsistência e da reprodução seriada da vida. Em um segundo sentido, a modernidade compreendida pelo viés das transformações sensíveis da experiência do corpo perceptivo e psíquico diante da fruição dos novos ideais de vida urbana que se desenhava, com as teorias críticas de Georg Simmel, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin. Com estes sentidos implicados e enredados, buscamos confrontar a Bauhaus com a compreensão da produção de um corpo que, pelo choque da modernização, torna-se individualizado, mecanicamente organizado e coerente às lógicas dominantes da produção e da sociedade capitalista industrial. Um corpo-peça que se orienta a movimentar a engrenagem das próprias transformações socioculturais, existindo conforme gestos e comportamentos

prescritos pelas ditas formas modernas, com seus modos de existir formulados, treinados e reproduzidos em série.

Também, movemo-nos a pensar de que forma as discussões expressionistas exercem fundamental importância à emergência da escola, assim como o De Stijl passa também a se atrelar às propostas da Bauhaus de recriação da vida pós Primeira Guerra Mundial. Discutimos sobre como as mudanças de ordem estético-política relacionadas aos campos prospectivos da arte, da arquitetura, do urbanismo e do design desdobram-se em reconstrução contínua de corpo. Problematicamos os modos com que nossas ações prospectivas de futuros nestes campos do saber e do fazer são também prospecção de corpo, pelo engendramento de gestos, modos de existir e hábitos, por meio principalmente das novas formas e enunciações postas a todo momento em circulação nas partilhas do sensível (RANCIÈRE, 2009), tanto no contexto de modernidade de primeira metade do século XX quanto contemporaneamente. Deste modo, buscamos entrever sentidos históricos, filosóficos, antropológicos e sociológicos, que nos possibilite nebular (PEREIRA, 2018) o conhecimento sobre a Bauhaus levando em consideração criticamente o próprio contexto histórico das transformações da modernidade. Quando a escola assume como diretriz tornar aptos construtores e projetistas ao desenvolvimento da materialidade adequada aos paradigmas de uma “nova vida moderna”, parece-nos evidente a consideração de que por meio desta tarefa é agenciado também um corpo sensível devido, útil, conveniente, compatível com aquilo que é levantado como proposta de refundação da modernidade pela Bauhaus, formulação de um novo ideal de um viver moderno.

Pretendemos pensar na hipótese inicial de que os esforços da Bauhaus, por meio das atividades de ensino, constituem um agenciamento de corpo por dois sentidos inteiramente implicados. Primeiro, do fazer-corpo pela perspectiva da produção material, do trabalho, entendemos a Bauhaus a exaltar a aliança entre homem e máquina, a autonomia do artesão diante dos processos produtivos, o domínio das técnicas industriais e dos novos equipamentos pela figura do projetista, indicando-nos o reconhecimento das capacidades da máquina mas não sua priorização em relação às potencialidades sensíveis do corpo que trabalha. A escola emerge a tratar da reformulação dos modos produtivos a partir da denúncia de que a drástica substituição das técnicas artesanais pelas industriais, no cenário

de pós Revolução Industrial, sabotavam o potencial criativo e singular do corpo trabalhador, mecanizado no ritmo da produção industrial. Compreendemos neste primeiro sentido a tentativa de se recriar o corpo do próprio trabalhador moderno; um fazer-corpo a engendrar o *modus operandi* de um trabalhador que alia as belas artes às artes aplicadas, a tensionar a figura do artesão e do projetista. Conforme Gropius (2015, p. 27) em texto de 1937 afirma sobre a pedagogia bauhausiana: “[...] o nosso objetivo mais nobre é o de criar um tipo de homem que seja capaz de ver a vida em sua totalidade, em vez de perder-se muito cedo nos canais estreitos da especialização. Nosso século produziu milhões de especialistas; deixem-nos agora dar a primazia ao homem de visão”.

Segundo, do fazer-corpo pela perspectiva da utilização da materialidade construída e da fruição da própria vida moderna, visualizamos nos discursos da escola a crença de que por meio da produção das formas utilizáveis possa se interferir e se afetar diretamente a existência do corpo, a apontar-nos o entendimento de que a forma específica dos objetos, da casa ou mesmo da vizinhança, prescreve gestos, modos de usar, incita hábitos, comportamentos e orienta o próprio existir no espaço. A Bauhaus emerge a calcar-se na aproximação entre arte e cotidiano e conforme a expectativa salvacionista de uma “arte útil”, na proposição da usabilidade e utilidade das formas modernas. Quando visualizamos as práticas da escola abarcando o desenho relativo às diferentes escalas de projeto – desde a escala do desenho industrial (os mais simples utensílios de cozinha e a mobília de cada cômodo de uma casa), a passar pela escala da construção civil (a própria arquitetura da casa e dos edifícios), até ampliar a dimensão de projeto à escala urbana (com atenção especial à habitação mínima e à relação das casas sobre o espaço, e aqui destacamos reverberações dos debates sobre arquitetura moderna suscitados pelas ideias das primeiras edições do CIAM) – compreendemos neste segundo sentido a tentativa de se engendrar um corpo relativo à sua domesticidade no ambiente em que ele habita. Entendemos, assim, que possamos estar a tratar das práticas da escola também do ponto de vista de uma existência doméstica, domesticação dos corpos. Em ambos os dois sentidos deste fazer-corpo, supomos relação com a concepção de projeto que Argan (1992) afirma fundamentar as práticas do fundador da escola Walter Gropius, de que projetar o espaço e as formas seja projetar a própria existência, as dimensões do corpo sensível em relação aos usos do espaço.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 12. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GROPIUS, Walter. *Bauhaus: nova arquitetura*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018.
- PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar por nebulosas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PESQUISAS INDIVIDUAIS

**HISTORIOGRAFIA
E PENSAMENTO
URBANÍSTICO**

Clara Passaro Gonçalves Martins
Doutorado

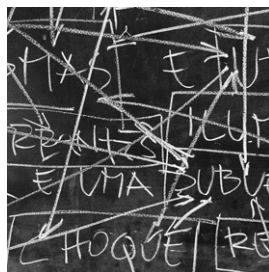
Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Coorientadora: Fabiana Dultra Britto

Ano de ingresso: 2016

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



ESTUDO DOS PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO DE MODELOS OCIDENTAIS DE CORPO

e suas vozes dissonantes, coexistentes, anacrônicas, paradoxais

[...] não é demais recordar que, de uma à outra ponta da sua história, o pensamento europeu sempre teve tendência para abordar a identidade não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro ou, ainda, no seu próprio espelho. Em contrapartida, interessa compreender que, como consequência directa desta lógica de autoficção, de autocontemplação e, sobretudo, de enclausuramento, o Negro e a raça têm significado, para os imaginários das sociedades europeias, a mesma coisa.

(Mbembe, 2014, p.10)

Esta pesquisa de doutorado pretende estudar os processos de canonização de modelos ocidentais de corpo, que vem se firmando hegemonicamente ao longo dos anos através do estudo de três obras de grande notabilidade nacional e internacional que relacionam corpo e espaço dentro de seu campo de atuação. São concepções modernas de corpo, corporeidade, espaço e movimento que foram ganhando legitimidade e ampla disseminação dos discursos a ponto de se

tornarem referências muito acessadas por estudantes, professores e profissionais no Brasil, na atualidade.

No campo da arquitetura, urbanismo e design, temos como objetos de estudos o *Modulor*, um “sistema de proporções humanas” criado por Le Corbusier como um instrumento unificador de medidas a ser utilizado universalmente em disputa com os tradicionais metro e polegadas. Estamos diante de uma ferramenta projetual criada por um arquiteto moderno mundialmente legitimado, reconhecido e afamado, e desenvolvida também através de dois livros: “*O Modulor*” (1950) e “*Modulor 2*” (1955).

Ainda no campo da arquitetura, a outra obra estudada é um manual de construção criado pelo arquiteto Ernst Neufert, sistematizado nas várias edições nacionais e internacionais do livro “*A Arte de Projetar em Arquitetura*”. NEUFERT, nome pelo qual ficou conhecida a obra devido sua popularidade, é um conjunto de normas e medidas de objetos e espaços sistematizados a partir das dimensões padronizadas do corpo humano.

Na dança, a proposta é estudar um sistema de notação de movimento conhecido como *Kinetographie* (Cinetografia) ou *Labanotation* (Labanotação); criados por Rudolf Laban (juntamente com F. C. Lawrence). Consiste em um método de análise e avaliação do emprego do esforço na realização do movimento, conhecido como *Effort*; ou a criação de coreografias para dança, teatro e ópera. Rudolf Laban é considerado um dos “fundadores” da Dança Moderna.

Estudar a criação e concepção dessas três referências que apresentam entre si uma proximidade geográfica e temporal (França e Alemanha na primeira metade do século XX) e também a circulação dessas ideias pioneiras na forte afirmação dos ideais modernos na arquitetura, no design, no urbanismo e na dança significa adentrar uma relevante problematização: a chegada de referências canônicas europeias no Brasil como ideias afirmadoras de um movimento nas artes notadamente europeizado, colonizador e excludente - assim como sua ampla adesão por aqui.

A maneira pela qual estas referências de corpo “chegam” apontam para um caminho já conhecido: a inclinação para mais uma sacralização de referências ocidentais que, na sua base, pontuam para a afirmação de um pensamento unitário

em detrimento de uma diversidade de conhecimento assentado em outras lógicas de funcionamento. Estamos, todavia, atentos pela forma com a qual essa história tem sido contada. *O Modulor teria sido a única representação dos corpos experimentada por Le Corbusier? Teria ele em suas manifestações artísticas experimentado outros desenhos de corpo como, por exemplo, em suas viagens para o Brasil e América Latina? A quais projetos político se vincula o desejo explícito nessa criação de unificação de medidas a partir de um corpo padrão masculino, europeu, branco, ocidental? Quais outras vozes antecederam ou eram simultâneas a esta voz que é, atualmente, bastante ecoada?*

Neste sentido, a proposta inicial desta pesquisa consiste em aproximar-se destes notáveis estudos de caso com o justo cuidado de evitar operar imprudentemente uma forma solidificada de fazer pesquisa historiográfica que reaplica uma incabível heroificação destes exemplos e limpa-os de uma visão crítica e de uma complexificação das abordagens. Esta forma de fazer, dita hegemônica, caminha para a construção sólida de uma visão única e achatada dos processos históricos, consolidando rumos para escrita de uma história linear, coerente, coesa sobre processos de canonização dos conhecimentos de corpo na arquitetura.

Assim, adentramos o problema da construção da historicidade e optamos por mergulhar no processo inacabado e infinito de pesquisa e composição historiográfica que abraça a História a partir da “coexistência de tempos que existe em uma determinada época” (JACQUES, 2018, p.221), a partir da coexistência de vozes com abordagens distintas, contraditórias, que disputam entre si ou que defendem diversos pontos de vista ou simplesmente recriam e reelaboram abordagens existentes. Deixa de ser uma construção pedra sobre pedra para ser uma composição de danças apoiada no improviso, no imprevisto, na sobreposição de camadas rítmicas.

Assim, propomos uma escrita historiográfica que busca reaproximar retalhos do recorte realizado pela historiografia oficial, colocando lado a lado vozes e pensamentos dissonantes, trabalhar no limiar dos campos disciplinares estabelecidos, arriscar-se em um caráter exploratório experimental, balançando e desestabilizando afirmações de longa data que consolidam formas de fazer fechadas em suas próprias disciplinas.

Neste sentido, um desafio está colocado: Como desentrelaçar o tecido do pensamento descontínuo, paradoxal, simultâneo, imprevisível e abraçar seus desvios, fugas e escapes sem desviar totalmente ou desconsiderar a força dessa pressão hegemônica unificadora dos sentidos e refutador das diversidades?

REFERÊNCIAS

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por Montagens. In: PEREIRA, Margareth da Silva; JACQUES, Paola Berenstein (Org.). *Nebulosas do Pensamento Urbanístico*: TOMO 1 - Modos de Pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 209-224.

LE CORBUSIER. *O Modulor*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. 267 p.

LE CORBUSIER. *Modulor 2*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010. 366 p.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona Editores Refractários, 2014. 309 p. Tradução de Marta Lança. Disponível em: <<http://www.uem.br/neiab/critica-da-razao-negra.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Dilton Lopes de Almeida Júnior

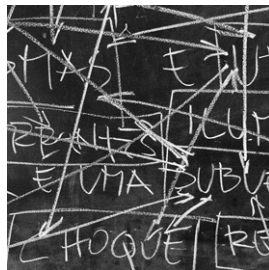
Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2018

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



A TABA CONTEMPORÂNEA DE BRASÍLIA

sobrevivências, primitivismos e colonialidades



Figura 1: RIPOSATEVI, Pavilhão brasileiro proposto por Lucio Costa para a Trienal de Milão de 1964 com fotografias ao fundo de Marcel Gautherot.

Tratando-se de uma exposição para o público europeu, ainda sensível ao exotismo e ao imprevisto - apesar das facilidades atuais de comunicação -, torna-se necessário provocar, de início, no visitante, um impacto capaz de despertar-lhe a curiosidade e assim predispor-lo a uma identificação momentânea, através da

arte, com o modo brasileiro de ser, no passado e no presente, - objetivo da exposição. Isto sem recorrer a artifícios outros de apresentação que não o simples confronto de uma contigüidade insólita -, a taba contemporânea de Brasília. A pré-história parede-meia com a cidade de vida ainda penosa e claudicante, mas símbolo do futuro e da esperança, e prenúncio de um nôvo Brasil.

(Lucio Costa, 1963)

Este resumo fugidio debruça-se sobre duas expografias propostas para o público europeu por Lucio Costa, cuja apresentação da cidade de Brasília para o mundo se fez centralidade: o projeto não realizado para a exposição de 1963, *“L’art au Brésil: La taba contemporaine de Brasília”* a ser realizada no Petit Palais, em Paris, e o pavilhão brasileiro *“Riposatevi”*, de 1964 construído para a XIII Trienal de Milão. Ambas as propostas expográficas apresentam-se como pistas investigativas para a reflexão sobre a concepção e construção mítica da cidade de Brasília por seu planejador, Lucio Costa, em outros suportes que não só o projeto da cidade apresentado em seu Memorial para o Plano Piloto.

Interessa-nos, neste percurso, uma investigação histórica que tende à arqueologia (FOUCAULT, [1969] 2004), a partir da desmontagem da noção documental da História, na medida em que olha o documento histórico, sensível às operações historiográficas (CERTEAU, [1975] 2017), como “[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.” (LE GOFF, 2003, p. 538)

Diante do panorama de exposições de arquitetura realizadas na década de 1960¹, as narrativas expográficas concebidas pelo arquiteto e urbanista suíço-brasileiro podem ser entendidas também como montagens anacrônicas de diversos estratos historiográficos. Montagens de imagens do passado colonial e do futuro desejável brasileiros, por exemplo, se fundem no presente e colapsam na apresentação da capital moderna “inventada” por Lucio Costa. Deste modo, visamos complexificar a História da arquitetura e do urbanismo que, organizada em “estilos” e de modo teleológica, apresenta o projeto da capital como símbolo máximo da racionalidade

e do progresso, mediante a superação do passado colonial brasileiro em direção a um inexorável futuro moderno, tecnicista e industrial, influenciado pela vanguarda dos debates europeus presentes nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna – CIAMs².

Parece-nos correlato o esforço intelectual do historiador da cultura Aby Warburg, de reconhecer na sobrevivência do antigo - *nachleben der antike* -, o impulso trágico pagão presente na arte renascentista do quattrocento italiano. Diante da História da arte classicista, nacionalista, eurocêntrica e pacificadora de tensões e disputas instituída no século XVIII, Warburg reivindicava a potência das impurezas, hibridizações e migrações na cultura que sobreviviam aos séculos na memória. Arriscamo-nos a buscar nas montagens expográficas de imagens elencadas por Lucio Costa para apresentar Brasília, outras sobrevivências, anacronismos que perseveram ao tempo, apesar do recalque, e que nos contam sobre as nossas tragédias. Talvez, estivéssemos a demonstrar a hipótese benjaminiana de que todo documento da cultura é simultaneamente um documento da barbárie (BENJAMIN, [1940] 2012) e desse modo, também a reivindicar que “a história da arte é a luta de todas as experiências ópticas, espaços inventados e figurações.” (EINSTEIN, [1929] 2016, p. 7)

É sobre esse espaço de disputas, para complexificar a expressão utópica de Brasília, que nos cercaremos dos debates dialógicos entre modernidades/colonialidades (MIGNOLO, 2017) e modernismos/primitivismos³ já esboçadas por Abílio Guerra (2017, p. 122-123), como um “urbanismo pau-brasil”, forjado em “uma modernidade possível para uma sociedade que ainda ouve os ruídos recentes da escravidão e do Império, coerente com um país ainda agrícola e de industrialização incipiente.”

NOTAS

1. Elencamos previamente aqui as exposições de Lina Bo Bardi: “*Civilização Nordeste*”, de 1963, e “*A mão do povo brasileiro*”, de 1969, no Brasil e a exposição, organizada por Bernard Rudofsky, “*Arquitetura sem arquitetos*” apresentada em 1964 no Museu de Arte Moderna de Nova York, importante veículo promotor das ideias da arquitetura moderna brasileira para o mundo.

2. “A forma de Brasília é um desfecho lógico e natural das trajetórias de Lúcio e Niemeyer. Praticante do neoclássico e do neocolonial, Lucio deu o salto para a vanguarda. E foi a peça central para a arquitetura moderna no Brasil.” (RISÉRIO, 2013, p. 279)
3. Cf. TORGOVNICK, M. *Gone primitive: savage intellects, modern lifes*. Chicago: University of Chicago Press, 1991; GOLDWATER, R. *Primitivism in modern art*. Cambridge: Belknap Press, 1986; PRICE, S. *Primitive art in civilized places*, Chicago: University of Chicago Press, 2002; CLIFFORD, J. *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Cambridge: Harvard University Press, 1988; MOMA, “Primitivism” in *20th Century Art: Affinity of the Tribal and the Modern* (Volumes I & II), Nova York: The Museum of Modern Art, 2002;

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História In.: *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004.
- GUERRA, Abílio. *Arquitetura e natureza*. São Paulo: Romano Guerra, 2017.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 32, n. 94. 2017.
- RISÉRIO, Antônio. *A cidade no Brasil*. São Paulo: Editora 34. 2013
- WARBURG, Walter. *A renovação da antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- WARBURG, Walter. *História de Fantasma para gente grande*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Igor Gonçalves Quetroz

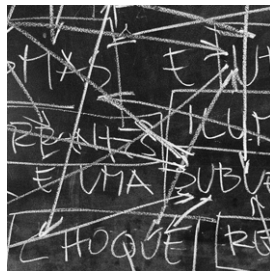
Doutorado

Orientadora: Paola Berenstein Jacques

Ano de ingresso: 2019

Pesquisa Coletiva:

Cronologia do Pensamento Urbanístico



IMAGINAÇÃO E RECREAÇÃO INFANTIL

Relações entre ideário político, política e prática urbanística no Brasil entre
1930-1960

Mário de Andrade, as Bibliotecas e Parques Infantis, São Paulo, 1935-1938

O poeta, romancista, professor de música, crítico de arte e pesquisador Mário de Andrade foi também servidor público. Juntamente com os intelectuais Paulo Duarte e Rubem Borba de Moraes, participou ativamente da construção do projeto do Departamento de Cultura e Recreação da Municipalidade de São Paulo, concretizado em 1935 na gestão do prefeito Fábio Prado. Mário via no acesso à cultura de elite um meio eficaz de suplantar o atraso intelectual e político dos mais pobres. Uma das primeiras providências tomadas pelo Departamento foi o estudo da conformação urbana do município, por meio de pesquisas sociais e etnográficas que detectassem problemas na alimentação, moradia e educação da população. O projeto previa a construção de bibliotecas infantis, bibliotecas populares de bairro e as “Bibliotecas Circulantes”, instaladas em caminhonetes e que partiam em busca do público. Mas foi a partir do Parque Infantil Pedro II, que se ampliou a ideia de fundir educação e lazer infantil na cidade, visando o pleno desenvolvimento das crianças, acompanhado por profissionais especializados, professores, educadoras sanitárias, pediatras, nutricionistas e instrutoras de jogos.

Raquel Prado, “O Urbanismo e a Criança”, Rio de Janeiro, 1941

Durante o I Congresso Brasileiro de Urbanismo, realizado no Rio de Janeiro em 1941, uma das teses apresentadas intitulava-se “O Urbanismo e a Criança”, da jornalista e escritora de literatura infanto-juvenil Raquel Prado. Pelo teor das principais Conclusões do Congresso, destaca-se a presença desta tese, por reforçar a imagem de um congresso de fato interdisciplinar, por se tratar de uma escritora de literatura infantil falando aos arquitetos e urbanistas, ao passo que esta reafirma as principais dimensões do urbanismo higienista, defendidas naquele evento e em vigor naquele período. O texto refere-se aos processos de puericultura e eugenia necessários para a salvaguarda da infância brasileira, alinhando as diretrizes do Estado Novo às condições urbanas de moradia da população mais pobre do Rio de Janeiro. Sua tese é legitimada pela “concepção urbana infantil” de uma cidade para os pobres, imaginada por um garoto de nove anos: “O menino urbanista, na sua ingenuidade, cuja singeleza de linguagem é difícil reproduzir – concebeu a sua ‘cidade dos pobres’ sob os aspectos sociológicos-urbanísticos – higiene, conforto, saúde, prodigalidade, educação e estética.” (PRADO In: ANAIS..., 1941, p. 410)

Jayme Martins, “Tia Margarida vai a Brasília: história para alguém contar às crianças”, 1959

Em 1959 é publicado pelo IBGE “Tia Margarida vai à Brasília: história para alguém contar às crianças”, do escritor Jayme Martins. Enquanto a novíssima Capital do país ergue suas colunas delgadas e elegantes, sua história já está sendo contada de forma assumidamente ficcional, numa correlação clara entre a oficialização da história e o desenvolvimento proposto como programa nacional do governo. O livro destinado “[...] às crianças do Brasil, mostrando-lhes como os homens de fibra lutam e vencem [...], pleno de poesia, repleto de glória, com emoções a cada instante e ensinamentos sobre a Nova Capital que surge em pleno sertão brasileiro, como raio de sol entre as moitas floridas, convidando para a festa do progresso do Brasil gigante” (NOVACAP, 1958 e 1959).

Este projeto de tese trata das relações entre criança e cidade na história do urbanismo moderno brasileiro, a partir do modo como este campo de conhecimento interage mutuamente com a construção do ideário de Brasil moderno e em pleno desenvolvimento. Estas relações apresentam-se como possibilidade de crítica aos próprios modelos de urbanismo adotados pelos programas de governo no Brasil e, sobretudo, como potência criativa na produção de uma outra cidade e de outros modos de fazer urbanismo e de narrar sua história.

Como hipótese desta pesquisa, a partir da investigação dos objetos de estudo apresentados anteriormente, pretende-se investigar de que forma, a noção de *infância* (baseada no controle dos corpos, da imagem da “esperança” ou de um vir-a-ser futuro útil), o campo do urbanismo no Brasil reagiu e contribuiu para a construção dos ideários políticos entre os anos 1930 e 1960, através de políticas e prática urbanísticas, relacionadas ao tema da criança e da infância.

Foram escolhidos, portanto, três diferentes tentativas de construção de ideários modernos brasileiros deste período, a partir da tentativa de manutenção de uma noção moderna, adulta e europeia de infância brasileira, observadas tanto nos projetos das bibliotecas e parques infantis do Departamento de Cultura e Recreação da Municipalidade de São Paulo, chefiado por Mário de Andrade; quanto na cidade higienista para os pobres, idealizada pela criança, na tese de Raquel Prado; e, finalmente, na tentativa de construir um nacionalismo baseado no civismo, no patriotismo e na brasilidade, sugerida e sublinhada pela alusão a episódios e grandes heróis brasileiros, em defesa da mudança e construção da nova capital Brasília, através do livro infantil de Jayme Martins.

É o debate entre estes objetos de estudo que interessa e possibilita questionar e experimentar outros modos de pensar, fazer e narrar a história do urbanismo moderno no Brasil, sobretudo a partir da articulação entre os campos historiográfico, literário e do próprio urbanismo enquanto disciplina. A criança, como possível construtor de articulações entre campos, discursos e práticas heterogêneas, ajuda a romper barreiras, sobretudo em formas já consolidadas da construção historiográfica do urbanismo. Desta forma, o debate acerca do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil se pauta tanto num recorte temporal delimitado (entre 1930 e 1960), quanto no embate (convergências

ou divergências; similaridades ou oposições) entre formas de pensar, práticas projetuais, fatos e eventos, chamando a atenção para a circulação sistêmica de dados entre determinados círculos urbanísticos, construídos e constituídos também por profissionais de outras áreas de conhecimento.

Assumir a construção historiográfica do Brasil moderno, permite formular algumas questões: Como são contadas essas histórias? Quais ferramentas são utilizadas? Quem as conta? Quais são as reverberações possíveis de narrativas urbanas produzidas a partir de outros campos de conhecimento, sobretudo da literatura, no campo do urbanismo? Porque e como as crianças aparecem nesses projetos de cidade e nos projetos políticos? É possível penetrar na História - como a criança nas suas brincadeiras e fabulações do mundo - e descobrir brechas que levem a viagens fantásticas surpreendentes?

REFERÊNCIAS

CENTRO CARIOCA (org.). *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo*. Rio de Janeiro, 1941.

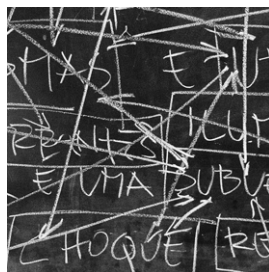
REVISTA BRASÍLLA. Rio de Janeiro: Novacap, v. 15 e 27, 1958 e 1959.

Marcos Vinícius Bobmer Britto

Doutorado

Orientador: a definir

Ano de ingresso: 2019



A BOA FORMA DA NÃO CIDADE LATINO-AMERICANA

Repensando a forma urbana através de uma perspectiva decolonial

Elaborada com o objetivo de questionar as teorias consagradas que versam sobre a forma da cidade, esta proposta de pesquisa pode ser facilmente explicada a partir de seu título: A “BOA” FORMA DA “NÃO” CIDADE LATINO-AMERICANA. A BOA FORMA indica o objeto e o tema, que são as teorias e os estudos de morfologia que instituem critérios e naturalizam concepções dualistas de formas da cidade, supostamente “boas” ou “más”. A NÃO CIDADE demonstra que se pretende trabalhar com o que os estudos de morfologia normalmente subalternizam e inferiorizam: a forma dos bairros marginais/informais, que na América Latina não são exceção. Com base na argumentação decolonial do antropólogo colombiano Arturo Escobar, considero haver projeto sem que haja a figura do arquiteto e urbanista. Os três estudos de caso – El Alto, na Bolívia; a Ocupação Bubas e o bairro Engenho Velho da Federação, respectivamente em Foz do Iguaçu-PR e Salvador-BA – me permitirão questionar a base teórica eurocêntrica da literatura sobre morfologia. Por fim, LATINO-AMERICANA indica, por um lado, minha filiação à abordagem decolonial, partindo do entendimento do sociólogo peruano, decolonial, Aníbal Quijano, de que a ideia de raça instituiu um sistema de controle de corpos, recursos e ideias com base numa classificação visual, porque fenotípica. Os estudos de caso mencionados, resultantes de diferentes heranças étnicas, serão

analisados compreendendo-se que a análise morfológica é, também, classificatória e ocularcêntrica. Por outro lado, informa também acerca das lacunas que as teorias sobre a forma da cidade apresentam, sempre com base na experiência de metrópoles europeias/estadunidenses. Nesse sentido, a futura tese de doutorado almeja preencher parte dessas lacunas e, consequentemente, combater o eurocentrismo naturalizado na arquitetura e urbanismo.



**SEMINÁRIO DE ARTICULAÇÃO
INTENSIVO/INTERNO
DO LABORATÓRIO URBANO**

18, 19 e 20 de março de 2019
Faculdade de Arquitetura da UFBA
Salvador . Bahia . Brasil

laboratório urbano